

1 reporter.

Semanario das
grandes reportagens

Nº 1

20 de Setembro de 1930

Numero 7



**LER NESTE NUMERO: A falsificação de porcos — A
mulher que devorou o filho — O bastidor dos bastidores**

GRANDE HOTEL DA BATALHA

Manuel Ferraz & C.ª L.ª

PRAÇA DA BATALHA

COMPLETAMENTE RENOVADO

HIGIENE E CONFORTO

PORTO

Magníficas instalações

Serviço de mesa primoroso

ESPLÉNDIDA SALA DE JANTAR

TELEFONE, 247

Manoel Joaquim Barbosa

PAPEIS, ARTIGOS
GRAFICOS, COMISSÕES E
CONTA PRÓPRIA

TELEFONE, 5039

Rua da Pícaria, — 37 PORTO

Visite V. Ex.ª o Hotel Restaurant Pinto Bessa

Rua da Estágia, 56-PORTO-Tel. 4524
Instalações modernas—Quartos com todo o
conforto e higiene—Quarto de banho em todos
os andares—Três magníficos serviços de res-
taurante—Preços módicos—Visita-lo é
preferido
Proprietario LUIZ CORREIA.

Café Concerto Primavera

Travessa da Pícaria, 28
O maior Salão Dançante do Porto.
Todas as noites novas variedades
"soirées"

SERVICO DE RESTAURANTE E GABINETES
ABERTO TODA A NOITE

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÃO DE PREDIOS

Especialidades em pintura

A. R. CARVALHO

Construtor civil diplomado
Rua da Pícaria, 8—PORTO

Visitar a Rainha das Meias

é preferida pelas suas
últimas novidades

Angulo das Ruas

S.ta CATARINA PORTO
e FORMOSA Telefone, 67

Victoria Café

P. Guilherme Gomes Fernandes, 66

BAR

Galeria de Paris, 109—PORTO

mais confortável
mais completo
mais higiénico

Grande suite de todos os noites

Fados pela contratriza LEONOR
FIALHO

Explendidos salões de Jogos, Bilhars e
e Ping-Pong

Pequenos almoços, Lanches

Comentados todos os dias das 21 horas
em diante

Nicolau Ferraz

HESPAHNA

FRANÇA

BRAZIL

E

AMERICA DO NORTE

AGENTE NO NORTE

da United States Lines

Telefone, 762

Rua do Loureiro, 60, 62—PORTO

PASSAPORTES

E' caro? E'! Mas no

ESCONDIDINHO

Come-se, porque o

ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.

A sua cozinha, os seus
nhas, os seus serviços, os se-
talheres, os seus vinhos
celebres e não tem rival

Rua Passos Manuel—Po

PATHÉ

Sequer adquirir um gramofone não compre da primeira marca que lhe apresentem

Discos portugueses de: VIANA
DA MOTA, o imminente pianista,
e de CARVALHO OLIVEIRA,
o maior do norte

EXIJA a audição de um disco
Escolha a sua vontade

As últimas novidades em
discos semanalmente
recebidos de PARIS

Avenida da Liberdade, 141 1.ª—LISBOA
Telefone, 3678

CASTELO LOPES L. DA

Rua das Fontes-nhas 20910—FOR
Telefone 2004

M-QUINAS FOTOGRAFICAS

DANIEL AUGUSTO BENTO
A pagamentos semanais de 10\$00
com sorteio pela lotaria de Lisboa

FOTO-ESTRELA POLAR

62-Rua de Santa Catarina-64

TELEFONE, 2158 PORTO

Bazar Electro Fotografico

Rua da Passos Manuel, 12

Artigos
fotograficos

VIZITE O CLUB RITS

R. Fernandes Tomaz, 817

PORTO

Explendida orquestra «ZAZZ»

«A CANÇÃO NACIONAL» pelos mais
afamados CANTORES do PORTO
e LISBOA

Multiplicidade de preços

V. Ex.ª Des-ja comprar barato?

Elegante? Na ultima moda
EXPERIMENTE VERAM
SAPATARIA L. LAGES
Rua Santo Ildefonso, 29—PORTO

DR. VLAS BOAS NET

Doenças de pele e sifilíticas
RUA FORMOSA, 173—POR

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos
PREÇO 1\$00

Há venda em todas as Drogarias

COELHO DA COSTA

AGENTE OFICIAL

—trata de todos os documentos e tira
passaportes para o Brazil, França
etc, e vende passagens em to-
das as classes tanto para
embarcar em Leixões
como em Lisboa

Escrever ou falar para a
RUA CHÁ, 129-132—PORTO

TELEFONE Agencia 1412
Residencia 2187

«GARANTIA»

COMPANHIA DE SEGUROS
(FUNDADA EM 1883)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dez. mbo de 1927
Esc. 6081.203833

Os segurados da «GARANTIA» devem ter
sempre em sua casa um contrato com esta Com-
panhia. Esta pode oferecer melhores vantagens
o seguro de vida obtido a matenatua e
a esta é uma 16. O que os segurados de-
vem exigir é a idoneidade da Companhia, e
neste ponto, a «GARANTIA» tem a es-
cud-la o seu passado.

S. E. D. E.

Rua Ferreira Borges, 31—PORTO

(ESCRICIO PRINCIPAL)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praca da Liberdade, 13 e 14

Casa Bazarista-Ciencas, Cruz de C.ª, L.ª da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Jacinto, 68 e 71

(ESCRICIO PRINCIPAL)

AGENCIA «A PORTUENSE»

(Das mais antigas de Portugal)

Passagens e Passaportes

Honestidade e competencia

Fornece-se todos os esclare-
cimentos por correspondencia,
aquem os pedir

Telefone, 1243

Rua do Corpo da Guarda, 15

PORTO

Escudos 3\$00

20 SEMANAS

Os melhores e mais chics

Cahuevas a prestações com

inscreva-se já para esta semana

apresentação ou conhecimento

terá um bom chapeu

no acto da inscrição

Chapelaria Portu

Telefone 1412

Praça dos Poveiros, 80—POR

Homens & Factos do Dia



A Alma vendida ao Diabo...



Aflaz do meu gabinete desceu, rápida, a uma senhuia a atermelhada, como um eclipse trágico de palco, feito com interruptores e lampadas grencis. E nesse ambiente ensanguentado, laivado de negro, o espeço fronteiro atirou-me para os olhos a miha propria imagem, transfigurada, como nam 'trac' em que eu me enganasse a mi'n proprio, substituindo á ultima hora, uma personalidade que faltára d' deixo. E como essa personagem, gémea de «William Wilson» de Edgar Poe; parente aproximado daquelle Mifesh-filizes burguez que induziu certo heve do Epa ao assassínio do «Maidarim»; macaqueação de todos os «teatadores nocturnos», desde que Goethe escreven o «Fausto» — exigia um re.orte fisico pelo modelo classico, a pumamira a as curvas do espelho mazuilharam-me o reflexo, escaverrando-me as faces, pontegoados do meo queixo nama barbicha; colando me duas longas guias achinezadas no lóbio superior; halos de enormes pestanas e sombras ex. ruz das orbitas, fudas: como crateras cuja lava era o proprio olhar. E como se o «eu» que eu via paí a além do espelho tivesse alma e vida proprias, declaro-me numa voz abafada, como se de facto houresse entre nós um cristal feado:

« Eu não venho aqui cubitar a tua alma nem dar-te maus conselhos porque, ao contrario das calanias, eu só tento quem queira d' força ser tentado, quem está mortinho por me vender a alma. Venho a enas fazer-te uma pergunta: Tu és virtuoso por amor d' virtude ou pelo calculo da receberes em troca um premio vendendo-a, como os não-virtuosos tendem a alma? Na segunda hipotes, não passas dan hipercrita ambicioso e a tua virtude vale tanto como uma ignominia; e sendo assim não te sacrificas porque nunca te dá a recompensa a que aspiras e mais que co'rares o preço da infamia, sem hesitações, que é seguro. Mas se realmente és virtuoso —po que sim que te importa a ti que os outros o nequem, se o único premio que pode dar prazer a um virtuoso é a propria virtude? Os que acreditam na evidencia e portanto em ti chamam-te lólo; os outros chamam-te reitico. O que querias tu? Que te prestasse justiça? E para quê? Pa, a que precisas da dela? Pela vaidade de agradares a gregos e troianos? Mas isso além de utopico — é uma indignidade! Não conheço serutilismo pior nem pior falta de caracter do que o de comodista vaidoso que se sacrifica a si e aos outros para agradar a todos! Aquele velho da fabula que

ia com o burro e o rapaz á feira é o simbolo dessa idiotia imoral!

« Bem sei... Custa muito... Tens desaseste anos de jornalismo que é onde se encontram mais facilmente e mais frequentemente esses falsos mefistofes. Há de-asete anos que desces ás arnadas dos grandes combates da imprensa. Pelas tuas mãos tem passado centenas de casos valorosos com o ilhas de Monte Cristo. Como um Quixote ar,ancas mascaradas e expulsas os vendilhões do Templo, á ponta de látego. Os maus exemplos não te faltam... Tens visto esgrimistas de reputação inacalada, mas de categoria diferente, embainharem bruscamente a espada e quindarem-se, em silencio e sem escândalo, do «promenoir» e da geral — para os camarotes de boca da fortuna. Tens ouvido dizer: « não hesites porque isto não te fica mal; porque isto, não é vender a alma ao Diabo... Tem te posto ao alcance do olfato o perfume alucinante da tentação — e quantas vezes em situações que multissimos menos te aitaria de apertos financeiros. E apesar disso tens registado sempre, numa intransigencia que por vezes arriça o que tu mais aprecias a amizade dos verdadeiros, dos bons, dos leais amigos — a quem talvez nunca deixas negar fosse o que fosse... E como premio de esse esforço vem a piscadela do olho, a insinuação, insidia, a caldina a afirmação de que afinal, sempre vendes a alma ao diabo... Custa! Lá isso custa! Mas no fundo é ridiculo. Que totalisem as somas cochichadas... Os 500 contos do Falano, os 300 de Beltano, os 100 de Cicrano; os 75 por te Calares, os 50 por Filares; os 25 por te fulares nem te calares... Quanto dá tudo isso? 3.000? 4.000 contos? E ainda assim és pobre! Mas onde diabo meites tu tanto dinheiro?



Hermínio Lima, o namorado da rapariga que viveu com o sacristão

« Páginas dolorosas, as da ultimo numero do «Reporter X...» prossegue a visão do espelho, como que para mudar de assunto. As que começam a antipsia do Marquez de Sagres e as que retratam o

Semandrio de grandes reportagens e de critica a todos os acontecimentos sensacionais... nais de Portugal e Estrangeiro ...

Sai aos sábados e é posto á venda simultaneamente em todo o paiz

DIRECTOR: REYNALDO FERREIRA (Reporter X)
 Director-gerente, Administrador e Editor: Angelo de Azevedo Ferreira
 Chefe da Redacção: Mario Domingues
 Proprietaria unica de Angelo e Reinaldo Ferreira
 Redacção, Administração, Publicação e Oficinas
 Rocio, B (Teli: Trinal: 4064) Lisboa
 Caneia Velha, 39 (Tel: 1038) Porto

PREÇOS DA ANUNCIATURAS		
3 mezes—série de 12 numeros—	Esc. 11\$50	
6 " " " " " " " " " " " "	— " " " " " " " " " " " "	— Esc. 22\$50
12 " " " " " " " " " " " "	— " " " " " " " " " " " "	— Esc. 44\$50

caso de Aveiro. A dentro da minha intransigencia não posso faltar-me a um sentimento de compaixão por esse anjeito tão habilidoso, pratico e prudente, que no habito de tudo vencer e de atender a todos os appetites não resistia á tentação daquelle aventuraa em, flor, que não lhe pertencia. E esse sentimento talvez piegas, nasce sobretudo ao visionar a situação moral em que esse homem se encontra agora frente á sua esposa — cercado pela indignação publica que o põe no index. «Custa, custa muito! Mas que remedio... O que arde cura.»

E nada mais me disse, a visão do espelho.

Equivocos reais

Sua Magestade, a formosa e sympathica Rainha Victoria Eugenia de Espanha é como se sabe, prima do principe de Gales e da princeza Mary Foram creados junios, e carteliam-se com frequencia, permitindo desabafos e intimidades. Quatro dias á Rainha e creveu o primo na sua graciosa caligrafia niponica, com papel simplissimo, confiando a missiva a uia das suas damas para que fosse entregue á secretaria do Palacio e seguisse a trajetoria especial do correio entre soberanos. Mas quiz o destino que a carta se emborlhasse com outras, pi beias, vulgares e que fosse por equívoco que uma carta para familia real transitou nas malas vulgares. Não hesitaram, pois... E assim a missiva que Sua Magestade a Rainha Eugenia Victoria enviava ao seu primo-irmão foi entregue ao alfaiate da City. Ora esse alfaiate Edward Prince, um genuemano, um figurino hu-

A última força em Portugal

O filho de quem a comprou a pedido de um excêntrico inglês que a apeteceu, ha 60 anos, num leilão do Arsenal — o ilustre escritor Castelo de Novaes — recorda a viridica e triste historia desse macabro instrumento de morte

● LEILÃO DA FORÇA.—O MISTERIOSO INGLÊS.—QUEM ERA SIR HODDER GREW.—A MACABRA COLECCÃO DE RICARDO MOND.—UM ARTIGO DO «BLANCO E NEGRO».—DIGGO ALVES.—A D. MARIA DO ALIVIO E A TABERNA DO SONO

Quando nos lembramos de que é passado um século sem que a pena de morte como formula legal de castigo tenha sido aplicada em Portugal sentimos um certo orgulho da nossa civilização. Se a máquina não atingiu nunca em Portugal o seu mais pleno aperfeiçoamento, a piedade, pelo contrário, soube preclamar bem alto, a toda a altura dum principio, o respeito pelo mais sagrado direito a que os homens tem jus. Há um século que as justicas não matam em terra portuguesa. Há sessenta anos que a ultima força, derrubada e inutil foi vendida, como lenha, em hasta publica em um leilão de arsenal. Conheço o facto de fonte segura e tal qual como foi o vou relatar nos leitores.

Ai por 1870 annuncio a direcção do Arsenal um leilão de objectos inúteis. Meu pai era um apreciador de velharias e constando lhe que no dito leilão seriam vendidos uns castiços de madeira de uma capela extinta não fôz a praça no dia da almodeda. O leilão a-guiu, como tovor, a carreira moosa do cost me. Entre os assistentes, na sua maior parte forrovellos e inchariços, estava um inglês, viajante de passagem em Lisboa, que se salda desloca a palavra de portuguez. De qualquer modo, possivelmente porque meu pai falava inglez, travaram conversa e seguiam ambos, curiosamente, o l'libo. Num dado momento a assistencia desloca-se para um canto do amazem seguindo e pregoeiro. — «A Força», meus senhores está em praça a ultima força de Lisboa... Três mil reis, a «força» Um silêncio de morte. Ninguém lançava. — «Então, meus senhores, ninguém quer a força onde morreu o Diogo Alves? Quantos dão meus senhores?» A voz de meu pai cortou o silêncio: — «Dez tostões!» — «Onze!» — «Um quartinho; quem dá mais?» — «Um quartinho e três vinténs.» — «Parabéns, senhores!!!»

Meu pai deu um nome qualquer e pagou. O inglez estava radiante. Tinha adquirido por 200 reis o ultimo patibulo levantado pelas justicas em Portugal. Onde estará hoje a ultima força?

COLECCIONADOR MACABRO

Muitas vezes passando pelo Largo do Chafariz de dentro onde se erguia a força, esse «sete» de madeira, algarismo que o verdugo floria dependurando no anel de espanto os corpos dos condemnados, recordava o episodio do leilão, tão vincendo na memoria sensibillissima de meu pai, que o repetia com a enoção do inedito, ao menor pretexto. E já lá vão tantos anos... E evocando o meu pai, e o leilão do Arsenal — evocava a curiosidade de alguns que, durante um jantar em



A Taberna do Sono, que ainda hoje existe, onde os 'condenados livelam o ultimo copo

nossa casa se contagiaria de interesse e o inter opará «sufregamente... Quem era o britânico comprador daquela velharia macabra? Qual seria o extranho appetite que o levava a escolher, entre tantos objectos aliodados, o impenetravel ma deliro, ao assino dezenas de vezes? Meu pai encollera os hombros... Tambm elle se intrigara ante tão extranha preferencia. Tinha sido um conhecimento do acaso... Nem do nome se lembrava... Sabia apenas — e por que o dissera — que, embor possuisse um «vivia» proximo de Richemond — vivia per a nente neste num hotel, em Londres.

Um dia renechendo os papeis da familia, basei: no a pista de uma data que necessitava, espreitei-me pela abertura dum envelope amarellecido, um velhissimo e imponente cartão de visita: «W. J. Hodder Green»; — e a um canto, como endereço, o nome de um hotel da City. Este ultimo ditalhe ligado ás recordações de meu pae levou-me ao convencimento de que se tratava do comprador da ultima força de

Portugal. Após a favor recibido — o extrangeiro trocava o bilhete com o «nacional» amavel que se fereceira a prestar-lhe esse serviço. Nada mais natural. E guardando entre as minhas cousas aquelle achado, pensei que o acaso é um detective que não se impacienta nem se dá liasi na busca nas suas investigações. Suppondo maravilhoso a dicifração do «monito daquelle homem muitos anos depois — não visjonava, nem o valor d' as revelações para euja marallia achava de conseguir a força demolidora... Porque foi graça a esse bilhete que conseguí arrancar o segredo daquelle inglez morto, sabe Deus há qujnto tempo...»

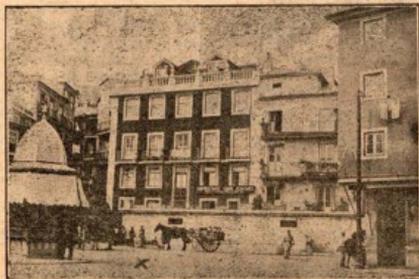
Foi eu o velho «Blanco e Negro», amontoo lo com outras velharias antigas numa sala de visitas que eu li, pela segunda vez, o nome de W. J. Hodder Greew. Esse «Blanca e Negro» de 12 de Maio de 1907 publicava um artigo com a seguinte «in te!»: «Um espalli macabro.»

«D'pos de muitos anos de litigio os herdeiros de sir W. J. Hodder

Greew tomam conta da extrngante coleção deste excêntrico — impossibilidade de e nriprimir o tigo; neste espaço — rezumo: o W. J. Hodder Greew, muito a encher o «eus oculos colecionados os objectos que podese recordar tragica morte: A piã por tal for — a sua casa nos arredores de Richemond — que era o gad-viver num hotel. No seu tranho mu eu encontravam se: nhas, pistolas, lâminas de guilinas cordas, catulos do vertuo medievalis, espadas, etc., t mais ou menos etiquetado com dotes explicativos: «Foi com esta ga que em 12 de 1868 que o sub Z... assassinao, o general ing D... a quem armara uma cilada, seu pal-cio.» «Foi com este ma lo que B... e sua anante, M. F... assassinarão, em 1707 esp desta, o celebre medico francez de F...» E uma das fotografias illustravam o artigo com vistas acais da coleção, via-s; distimamente uma força — a que o artista não se referia. Seria aquo que o excêntrico colecionador d'ra ao meu pae para comprar ultias foras em que espremarão portugezes condemnados a mo

ONDE «FUNCIONA» A ULTIMA FORÇA.

Quando foi a inauguração s'ne da estação de Santa Apolonia entre outros discursos pronunciou com a gran-elocuencia da ep'houve um que era rematado sim: «Orgulhosos devemos e porque do mesmo local onde anda a justiça assistiaava na for, assa-inoz — parte hoje o primo combio. A crueldade antiga guo o grito da civilização!» Re del esta frase ao passar ag'ra estes silios... «Estamos no Largo do Chafariz de Dentro. Aquela da esquerda uma mulher piã — D. Maria de Sousa — vinha perar os condemnados a morte, e para o banquete da força, e l'brez refreos — se era no vertuo vinho quente — se era no invigo. Tornou-se celebre essa caridoz nhora — a que m os visjões alodran com o respeito apodo de Maria do Alivio.» Era ali a casa Arren-elegido. Mais adente l'na outra v'nda, a do «Sonoca» já a taloia surdida ainda hoje pode ler por dex'ixo de umatra de um deposito de vidros, o sa venda do «Sonoca» era usoc'ra a prois-a da morte. As cas de El-Rei concebem nos de pena ultima a liberdade de t'fazzerem um ultimo desejo: «Sonoca, vinha, solicito e com' trazer ao padecente o ultimo de bebida, qui, sempre de agente para atordoz... Voltando lo nomeo caminho sente ainda repio da execução engelhar



O Largo do chafariz de Dentro onde «funcionou» a ultima forca

O caso enigmático de Frielas

«Suicídio, não!» — exclamou, ao ser entrevistado pelo Reporter X, o sargento Diniz amigo do tenente Crisovão de Almeida

O mistério continua a envolver em sombra a verdade sobre o crime de Frielas. Apesar da polícia se ter mostrado firmemente de uma actividade já ainda não se descobriu o criminoso. Reporter X no seu numero passado negou a hipótese do suicidio. Crisovão de Almeida, embora muito atribulado por dividas e desgostos ímicos, nunca se mostrou disposto a destruir a sua própria vida. De resto os ferimentos do cadáver apresentavam não se podem conduzir a hipótese do suicidio mas á de um crime.

O magazine inglês *The Wild World*, que trata novelescas, «fait-divers» recentes, sensacionais e completos, no numero de Agosto, occupa de um assunto muito semelhante ao caso de Frielas. Em uma pequena cidade do Estado de Texas, John Aleko, que fora sargento e entrara na guerra nas Filipinas, tinha uma amante, Adley Taylor, que o explorava desumanamente. Um dia morreu morto com uma costela e um dedo quebrado. Como Crisovão de Almeida, tambem para em vida inúmeras dividas para satisfazer as ambições da companheira, e um rival ameaçou-o constantemente. Descobriu-se, por fim, que o assassino se recrutava entre os creólidos que mais o atormentavam e a insistência em receber seus dinheiros e que além disso lhe requestava a amante. E' curiosa a coincidência de

certos pormenores destes dois crimes, praticados a tão grande distancia um do outro, talvez fosse útil á descoberta do caso de Frielas o conhecimento pormenorizado do crime cometido nessa pequena cidade do Texas.

E' INACEITAVEL A HIPÓTESE DO SUICÍDIO

Soubemos que o segundo sargento Artur dos Santos Correia Diniz, actualmente preso no presidio da Trafaria presta á policia importantes declarações sobre o crime de Frielas. Fora amigo íntimo do tenente Crisovão de Almeida, estivera na Guiné com elle, e conhecia-o

íntimamente e por isso, de espontanea vontade, pediu para ser ouvido pela P. I. C.

Dirigimo-nos portanto ao presidio da Trafaria para ouvirmos de sua própria boca o que sabia sobre este particular assumto. O official de serviço, o capitão Felix recebeu-nos amavelmente e permitiu que o referido sargento viesse á nossa presença.

—São do Reporter X? — inquiriu elle.— Ainda bem. Contém comigo para todas as informações que possa fornecer-lhes. A policia já me ouviu sobre os antecedentes do tenente Crisovão de Almeida.

—Acredita na hipótese do suicidio? — perguntamos-lhe.

—Não, senhor respondeu o sargento Diniz, sem a menor hesitação.— Conheço íntimamente o tenente Almeida. Estive com elle cerca de um mês antes da sua morte e lembro-me de que a propósito de uma noticia do suicidio publicada em um jornal. Almeida encolheu os ombros, contentou: «E' um idiota mais que desapparece».

—Está, portanto inclinado a aceitar a hipótese de um crime? — perguntamos.

—Absolutamente — respondem-nos o nosso entrevistado e proseguir:— Muitas vezes em situações difíceis, muito pirosas do que esta que vinha atravessando, nunca o vi desanimar. Encarava a vida com coragem e optimismo. De resto elle sempre cumpriu os seus compromissos e a sua situação financeira, se era difícil, nunca foi desesperada.

QUEM É O MISTERIOSO COMPADRE DO TENENTE ALMEIDA?

—Conhecia o tal compadre

do tenente Almeida? — inquirimos.

—Não conhecia. Admirava até a existência desse compadre de quem, aliás, Crisovão de Almeida nunca me falou.

«Um pormenor importante que talvez seja útil á investigação da verdade: dias antes de Almeida ter desaparecido estava aqui falando sobre elle com uma pessoa de minha familia. Essa pessoa contou-me que alguns dias antes da sua morte, um sargento que se dizia seu amigo, pretendendo vingança de não sei que offensa denunciou á Policia de Informações uma familia inteira, aproveitando uma occasião em que Almeida se encontrava em casa dessa gente. Crisovão de Almeida foi então detido, tendo pouco depois sido posto em liberdade por provar a sua innocência.»

—Qual é a sua opinião sobre a moral do tenente Crisovão de Almeida? — perguntamos.

—Era uma joia, um esplêndido coração, talvez um pouco boêmio. Durante todo o tempo que esteve comigo na Guiné enviava regular e pontualmente uma mensalidade a seu pai de quem elle nunca se esquecia.

«Era um valente. Os que o assassinaram tiveram pela frente um homem. Apesar de todas as suas boas qualidades era voluntarioso, exaltado e extraordinariamente nervoso. Deve ter lutado muito e bem!»

Ao proferir estas palavras a face esquelida do nosso entrevistado illuminou-se de indignação e ao despir-se le nós disse-nos ainda com energia:

—Suicidio? Não! Crime, traiçoeiro crime!

O sargento Diniz refere-se na nossa entrevista de hoje a dois factos muito importantes: uma vingança de que Crisovão de Almeida fora vitima pouco tempo antes de desaparecer e o misterioso compadre de quem nunca ouviu falar.

Outro facto convem ponderar: porque motivo a companheira do malogrado tenente tanto tardou em apparecer? Não estranharia tão longa ausência do amigo?

Reporter Maria.



Reprodução da gravura do magazine inglês «Wild World» que se occupa de um crime identico ao de Frielas, ocorrido em uma cidade do Texas

uma e, sem querer, o pensamen- levar me para longe, para esse em-már onde um criminoso por- fide espera uma hora identica a do sargento Diniz. A cadeira substituiu a forca. O do tomou o lugar da corda mas sempre uma vida que fogue ou da deira ou do nó de esparto. Dizem se somos romanticos e impulsivos interrogados... Bendigo esse atrazo natico que nos coloca na vanguarda dos povos mais adelantados mas não consente usar os mesmos excessos dos que matam fora das

Leitor, quando passares no bairro de Dentro, na Ribeira, no nº 7, teatros negregados velhas tragédias de morte, fel-

Castelo de Morais.

Homens & Factos do Dia

mano dos seus clientes, impecavel no seu fraque cinzento e com o seu moçalço prezo ao peçoço por um filhito negro, era viuvo de uma senhora espanhola, vivista Madrid todos os annos, frequentando o campêo do Teatro Rainha Victoria—estouja preta das mais belas «grãs». Ao ler uma carta vindo de «Reina Victoria», e redigida em termos tão intimos—rejubiliou e evocando as suas temporadas de Madrid respondeu em termos empolados e ridiculos, confiando que o fazia a algueim da sua infimidade. Mas os correios espanhols, usando dum criterio diferente dos Londres leravam esta segunda carta ao Palacio Real de S. Sebastião. Sr. prendeu-se Sua Magestade até ao passo do estilo inédito de seu primo e do conteúdo da missiva—e respondeu-lhe pateando uma surpresa. Mas não termina aqui o equívoco. Desta vez a carta chegou aos mãos do autentico principe de Galles—e descobriu o segredo e que o revela humoristicamente à prima. Nova coincidência. A carta do verdadeiro principe, devido à forma distraída com que fora endereçada—vae ter ao Teatro Reina Victoria e é acolhida pela gentil pessoa que conhece o alfaiate. Lyvia, casada por ser tratada com tanta amizade pelo futuro rei de Inglaterra perde a cabeça e parte para Londres, telegrafando, annunciando a sua chegada. Remate: as chancelarias e os chefes do protocolo, enganados por este telegrama, preparam a recepção official à Rainha de Espanha. E o pobre «figato» que conta o episodio reolha assim: «Cada um dos senhores a «gare» atappareta, e quando formada, os ministros, os embaixadores, e proprio Principe de Galles perfilados e em vez da rainha aparece uma «gri» do Reina Victoria de Madrid...» A vida é o maior esmediografo do mundo...

Entre o anúncio pitoresco daquelle «majo» com uma estrela no «fex», turco que vende profecias pelo correio, o de aquele abade alemão que em vez de cuidar das almas salva os corpos de todos os «ataques» graças ás suas herbas mágicas, e o de aquelles pilulas que levavam dentro do seu envolvero o proprio escorço que vae arredondar e enduzecer os seios matristes e esvaezados—aparece, infelizmente, em todos os magazines o de um misterioso tratamento scientifico que adelgaça, estiliza e afina os fisiscos paquidermicos de cilindricos arcaebicos, ventres bojudos de gorduras. A illustração deste anúncio é sempre a mesma—inspirada nos cartazes de «...antes e depois do chocolate Menias Lopes»—dum lado uma «dama-fenotia» traz esferas equilibradas umas sobre as outras—a cabeça, o peito e a barriga—e do outro a mesma dama, numa esbelta peregriana, recortada pelas linhas sobrias e estreias das «garçonnes» da moda.

Este problema da gordura nunca me interessou individualmente visto que a sujeitar-me a qual quer processo de emagrecer, a chateza do meu corpo minguará até rivalisar com a de um bacalhau. Mas varias vezes tenho meditado sobre estes anuncios e visionario uma temerario subterfugio, palco das proezas destes especialistas, onde o obsequio de ambos os sexos se sacrificam pela elegancia da sua silhueta, pensados entre marmores e cilindros gemeo dos que alissam os asfaltos, pustos depois em banho «Maria», no auto-de senhores de estufas especicas, e a seguir apanhados e por carpinteiros que os tratam como se fossem taboas, arranjando-lhe nuvens de aparas de banha... Mas se até aqui estes anuncios apenas eram dirigidos aos ambiciosos da sua propria elegancia—de hoje em diante uma nova massa de clientes ira caraquecer os especulistas da «magia ex artificial». Todo o individuo que caminha «fora da lei», que se arrisca ás proezas illegis, que professional ou acidentlmente evoca em redor dos presidios e das penitenciaras sob o perigo eminente e constante de cair lá dentro—deve, como medida de elemental prudencia e cautela «emagrecer» como os «boxeurs», em vespera de «match» riço, se preparam com

um regimen especial. E' uma noticia de trez linhas, esmiuçada num jornal francez, que me leva a esta conclusão. A França é de todos os paises a quele que conseguira co-structur as suas prisões com «menos facilidade, de fuga. Nem os Estados Unidos, com as suas engenhocas de Sing Sing aprendem-va uma estatística mal-hisonger...» Enquando, na America do Norte a percentagem das evasões, nos ultimos vinte annos é de 3 por cento a França apresenta no mesmo periodo apenas 0,007 de presos escamoteos dos seus presidios—o que equivale a cinco evasões apenas em juiz dezenas de annos. Ora a França acaba de ser ferida n-este seu «ruihu» por uma invasão inverosimil. Um tal Marcel Pouchelle, de Roubaix, soffria trez mezes de correccional por uma ladroeria qualquer, na prisão de Loos. No toque de silencio do dia 28 de agosto os guardas deram por falta de Pouchelle levantaram a prisão de alto a baixo, sem encontrarem um muro braco, com um cano perfurado, uma grade limada... Mistério autentico até que um detective chegado de Paris descobre varios indicios pensando que o fugitivo tinha saído pela janela B... Sorriam-se os guardas. Era lá possível... A janela B, estava quadrada de ferros—e a distancia entre as grades não dava p-ssagem nem a uma creança. Mas eis que intervem o medico da prisão. Fixara-se, por um acaso, nesse presidario e garante que sim, que era verosimil que elle se escamotasse pela janela B—visto que a sua singular magreza lhe permitia. E consultando o livro de registo e a respectiva ficha, confirmouse, pelas dimensões do torax do cavalheiro, a realidade de tal suspeita...

Ao propagandear-se esta evasão—nem hum larapio, tornará a arriscar a sua liberdade sem primeiro se sujeitar a um tratamento para emagrecer. Por sua vez os directores das prisões ou serão obrigados a forrar as janelas com redes de estreitas malha ou estabelecer um minimo de torax para os seus presos... «Quanto mede este cri-ioso, de hombrs? Meio metro, só? Este é escusado dete-lo. Elle fugirá infalivelmente...» E a esta hora quantos presidarios não estarão refletindo sobre a forma de emagrecerem rapidamente....

O alcoolismo aristocratico

Burgueses, patrones industriaes, filantropos, sociologos, medicos, govornos e até escitores anarquistas combatem, há um século, o abuso do alcool, feito pelos operários—acusando de germen de todas as fatalidades do povo, a causa de todos os crimes, o principio da eternidade da sua escravatura. Um operário respondeu há pouco num jornal sindicalista, a esta campanha insistente, enérgica, teior universal: «Está certo que o alcool nos emburtece, nos enfraquece



Proprietario: Quem é que está a cantar?
Creado: Os hospedes do quarto 15.
Proprietario: Curiosos: eles ainda não tiveram a coot?

nos estraga, nos envenena, roubando a vida ás vidas que nós geramos e conduzindo-nos a muitas fat-lidões até ao crime, até não nos emagrecermos como e quando devíamos... Mas preciso vêr que o alcool é a única algueim dos que vivem com os animais, entre a iniquidade do trabalho e ig tante durante o dia—e o curto sono que nos concedem, como festim, premio e repouso do nosso «estorço». Tirem o alcool das mãos de quem o bebe durante a vida e não ha mais a justiça da v-ntura e o que lhes falta?

Não se pode negar lógica a esta defeza de alcoolismo. E sem defegar pergunto: p-que se persegue o vicio do alcoolismo no povo, que onde se justifica visto que essa gente vive sem outra alegria, sem bo alimentacao, sem divertimento, sem boas modidades—e se trata benignamente ante o mesmo vicio nas outras classes onde o alcoolismo lava m-ais poderosamente e com mais numeroso cortejo de angustiosas consequencias? O que é o cult. do «bar» e a algueim dos «cock tails»—que aliás são delicias e entranham sementes de som. nas veias, todos os raptos mundanos do appetivo, de que seima de licores, de todas essas combinações «chicas» e complexas? Porque é que no povo que outro prazer não dispõe, esse vicio é ignominia—e no mundanismo o mesmo vicio é elegancia e bom tom? Tenham paciência. Foi, sou e serei se v-ros assim—igual ao sapateiro de Braga. Ou a abstinencia geral ou entao... que beba todos, povo, burguezis e aristocras!

Reporter

Um equívoco sobre o retrato do Dr. Joseph Linhares

Um equívoco que queremos reparar nos—antes que os sentinelas do veneno o aproveitem para o dilatar e a seu gosto. Na entrevista verdadeiramente sensacional que o dr. Joseph Linhares, nos concedeu para o nosso ultimo numero, sobre o crime do desditoso Pita Soares e que o nosso querido camarada «Diario de Lisboa», reproduzindo-a, acolhe em lisonjeiros termos, que agora decemos—trocou-se, nas prasas da paginação, a gravura destinada a essa reportagem com a que estava guardada para o artigo sobre o assalto do expresso de Chicago. Assim salu o retrato do detective americano—John David, que retiramos do «Cine-Mundial em vez da fotografia do nosso piedoso e distinto compatriota Dr. Joseph Linhares, colaborando a leg-na nesse erro. Que nos perdoem os leitores—que estas faltas, em jornalismo, são mais frequentes do que se julga.

A' ultimo... Hora O Marquez de Sagres

Depois deste artigo estar composto vimos o carrador, que está higienicamente ao nosso lado, trazer um «carta do lugar comum de estalidar, em tentativa de insulto do Marquez...» Em resposta áquela, lei de impronunciação iguals barbidos aos homens do bem, elle será publicado no proximo numero com os respectivos esclarecimentos e resposta em respeito também a nossa linha de «conducta, auxiliada pelo nosso «dossier» livre dável.

O célebre Marquês de Sagres

Typo de arrivista completo—Como conseguiu cair nas boas graças do Papa—Um cavalheiro de industria que depois de aventuras suspei-tas em Coimbra logra obter um importante logar diplomatico

«Pelo dedo se conhece o gigante», diz um velho rifeiro popular. No numero passado do *Exportar X* mostramos um desenho do sr. Marquês de Sagres, e neste numero começamos a desenhá-lo, a pô-lo bem a nã, para mostrarmos aos nossos leitores o seu corpo que deve ser uma maravilha.

Quem é o sr. Marquês de Sagres? perguntamos nós no nosso numero anterior. A resposta não é tão difficil como a muita gente se afigurará. O senhor Marquês é uma pessoa muito conhecida.

Esteve a estudar em Coimbra, no tempo em que ainda não pensava que viria a ser um titular. E logo naquela cidade, muito novo ainda, começou a mostrar quem era. Cábulas, des-

os pufes é dotado de uma sorte extraordinária. A sua entrada no Vaticano foi como se lhe abrissem de par em par as portas do Pariso.

A COMPRA DO TITULO DO MARQUÊS DE SAGRES

Escoregado como uma enguia soube deslizar na intimidade do Papa. Que meios subit, que douradas intrujices não teria ele impingido ao Santo Padre para assim lhe captar a confiança? O certo é que o arrivista, o immoral de Coimbra era para o Papa uma pessoa honesta, e de uma seriedade inconsueta. E essa simpatia, essa amizade favoreceram as suas ambições. Ele queria ser marquês. Todo o seu intimo desejo era figurar, ser admirado, adulado.

MARGARINA TRANSFORMADA EM MANTEIGA DE SINTRA

Mudaram os ventos da politica, o lugar de secretário da embaixada do Vaticano foi-se por água abaixo, mas o marquês não se atrapalha muito com estas mudanças. Ele é como o camaleão: toma a cor do lugar onde se encontra. Nisso está a sua sciência de viver. E' um frequentador de banqueiros, tanto adulando o politico da esquerda como o da direita; contribui para todas as subscrições, criando assim fama de generoso, e penetra subtilmente em todos os bons negócios, quer sejam licitos, quer sejam suspeitos.

De entre os seus negócios, o mais conhecido é o de uma leitaria que possui á esquina da Rua Alexandre Herculano e Avenida da Liberdade. Há tempos os jornais noticiaram—os leitores devem estar lembrados—que nessa leitaria a manteiga de Sintra era falsificada com margarina. E' natural que assim fosse; o senhor Marquês de Sagres seria muito capaz de operar o estranho milagre de transformar, ao toque de uma varinha mágica, a pior margarina na melhor manteiga, ou a melhor manteiga na pior margarina...

AS SUAS BOAS E MÁS RELAÇÕES

Este homem que pretendeu, associado a companheiros do mesmo jaez, impingir aos ingleses pinheiros de dois metros como medindo já sete metros de altura, entra pelas repartições publicas como se penetrasse em sua casa, trata com superior fraternidade os contínuos dos ministerios e à noite com «saúdes da rale», como elle próprio confessou a um nosso redactor, entrega-se a secretos prazeres, procurando avidamente marujos possantes—porque tam pela marinha uma extraordinária simpatia...

A despeito destes contactos tão intimos com a rale, não deixa de frequentar com assiduidade a chama-la boa sociedade. Aparece frequentemente pelas praias *chics*, onde estima admirar mais a plastica dos banheiros do que a das banhistas. Há anos, no Estoril, conforme o depoimento de D. Carlota Serpa Pinto lido no Tribunal de Santa Clara, entre várias pessoas de destaque recebia no hotel onde se hospedava os irmãos Bandeira. Parece que não era estranho aos negócios do Angola e Metropole porque tambem era normal ver-se o seu automovel á porta daquele Banco, aguardando o sr. marquês que ali passava tardes inteiras no gabinete da Direcção.

UM CURIOSO PROCESSO DE DIVORCIO

Mas de todas as suas aventuras a mais curiosa é, certamente, a do seu divórcio. O marquês pretende através de um emaranho processo de divórcio mobilizar a fortuna da esposa. Aparece o marquês como rei de adultério e, como prova, juntou ao processo uma fotografia onde elle está na companhia da esposa legitima que figura como sendo a amante...

Só este marquês seria capaz de inventar destas cousas e como não são invenções que trazidas a publico, possam fazer a boa reputação de uma pessoa, eis o motivo porque elle nos proclama com tanta insistência a fim de evitar o escândalo.

Se elle não nos tivesse offendido na nossa honra e no nosso brio profissional, fazendo-nos propostas de suborno absolutamente imorais, talvez não nos tivéssemos preocupado em pôr-lhe tão rapidamente a calva a mostra.

E' necessário que o sr. Marquês de Sagres, que tem sido na sociedade portuguesa um cancro incurável de vicio e immoralidade, se convença de que o suborno nem sempre é a garantia de impunidade dos arrivistas da sua tempera.

O dinheiro nem tudo compra. O metal sonante nem todos os crimes é capaz de encobrir. A verdade, mais tarde ou mais cedo, acaba sempre por vir á luz clara do sol.

Fechamos por aqui os comentários á vida repulsa do marquês que nos quiz comprar.



É esta a principal do palacete do Marquês de Sagres na Avenida da Liberdade.



As duas janelas do sobre-loja pertencem ao parlamento susseito na Rua Eugénio dos Santos.

leixado nos estudos, o então futuro Marquês evidenciou-se pe los seus actos de baixa immoralidade. Depressa o ambiente se tornou hostil e a illustre personagem avançou para a capital onde mais largo campo se oferecia ás suas suspeitas aventuras.

Esperit lhão, enganando este com palavras mansas, manobrando aquele com discreta habilidade, compo um aspecto a um tempo amavel e important, o arrivista soube infiltrar-se na situação de desembrista. aproveitand-o a para, se engrandecer. Captando influências politicas, alcançou o que muitas pessoas de comprovado merito não logram obter: foi nomeado secretario da Legação Portuguesa no Vaticano. Como quasi todos

Não estamos habituados a fazer campanhas por sistema. E só voltaremos ao assunto se o sr. Marquês nos provar. E então, em um único artigo sintético, mas preenhe de verdade, acabaremos de desenhá a estranha e duvidosa figura deste homem que devia ser mais comedido nos seus actos, limitando a sua immoralidade ao estreito âmbito do seu «ninho» discreto da rua Eugénio Santos, com as corti-bem corridas...

Mário Domingues.

Um bairro chinês em Lisboa

Por absoluta falta de espaço somos obrigados a transferir para o proximo numero a conclusão do artigo «Um bairro chinês em Lisboa» que tanto interesse tem despertado.

[Presas, em nome da lei!]

Mães que matram os filhos!

Um numero inacreditavel de filicidas. — Sonhos de amor realidades que provocam ódio. — A mulher que devorou o filho! — A doida que adora uma boneca. — A costureira e o estudante. — Novela antiga, novela de sempre

REPORTAGEM NA CADEIA DA RELAÇÃO POR **Guedes de Amorim**



A Sala de Trabalho: Gatas e ferasteiros, cortões, costureiras, vadias, e mães que assassinaram filhos

UM NUMERO ATERRADOR DE FILICIDAS!

Nestes ultimos dez anos, segundo a memória viva e inalteravel dos livros de registo de presos, deslustraram pela Cadeia da Relação do Porto 6.427 mães que mataram os filhos Duvida-se, em estreamecimento de pavor, deste numero gigante de filicidas; mas, visitando essa Babilônia de sombras e de granito—fantasma Filipino que chicoteia erros e crimes—, folheando os volumes negros do arquivo de condenados, os nossos olhos atrem-se, aterrados, como diante da mais horriavel das tragédias. Na verdade a mãe que desfaz a vida de um filho, depois de o ter sonhado entre labaredas de beijos e de desejo, causa não e horrór como uma hiena que tivesse devorado uma criança. Outras dessas criminosas foi por medo ou para afastar compromissos do caminho de certos homens, que se lançaram, num relampago de loucura, para a senda do crime. Há filicidas por vicio e há filicidas por alto comando da fatalidade. O crime é contudo sempre o mesmo, tem sempre o proposito de fugir de um estorvo, mas a origem, os antecedentes, variam conforme a idade, a situação e a inteligencia da criminosa.

—Pode mostrar-me algumas das mulheres que mataram os filhos?—pergunto, agora, a um empregado da secretaria da Cadeia da Relação.

—Sim, senhor. Tem a que subiu até ao ultimo andar... E subimos escadas negras e úmidas. Chaves enormes, que se entrecrocavam numa musica baça, abrem portas gradeadas e altas como gigantes. Presos de todas as idades, dentro de fardas de cotim esbranquiçado, aparecem-nos pelo caminho



Em cima: As duas Marias que se perderam por amor. Em baixo: o dormitório, onde as filicidas choram os seus crimes, venio-se ao fundo, junto ao berço, a semi-louca que adora uma boneca, julgando que é o filho que matou

e fitam-nos com olhares estranhos. Por ultimo, abre-se a boca negra de uma porta, e encontro-me, finalmente, na sala de trabalho das mulheres que foram presas, em nome da lei!

O MESMO NOME E O MESMO CRIME

Estou na sala das mulheres que se deixaram prender ás asas fatídicas do crime. Cortezãs que liquidam contas antigas com a policia, gatas de forasteiros, costureiras que roubaram vestidos, criminosas de todos os modelos e, por fim, um grupo de filicidas. O empregado que me acompanha chama duas raparigas que estão além, a um canto, esturando. Logo que se aproximam interrogo-as, pergunto se me querem dizer como se metamorfoseou o seu destino... Uma, atra com os olhos ao chão; a outra, um rosto moreno cheio de tristezza, fita-me demoradamente e, depois, começa a falar, lentamente, como se arrastasse a sua desgraça. Tinha dezoito annos e era empregada em casa do senhor R. Uma noite, aproveitando a ausencia da esposa, o patrão devassou-lhe o quarto e violentou-a... Passaram meses. Andou sempre ligada, temendo que a patroa ou alguém descobrisse a sua loucura... Veio a noite do parto, a "senhora" ouviu os seus gritos, e apareceu... Contou-lhe como começara a sua desgraça. Foi despedida. Cheia de fôme, enfraquecida, sem um centavo e sem um carinho, foi a pé até á sua aldeia do Minho e, antes de entrar na casa onde nasceu, temendo a colera do pai, lançou o filho a um poço. Logo a seguir, foi descoberta... Passou meses na cadeia da sua vila, está ha semanas na Relação e parte, em breve para o degredo! Enquanto me revelava o seu crime, tinha, os olhos secos, mas a voz estava molhada de lagrimas. A outra, de olhar sempre, sempre colado ao chão, parecia muito distante das revelações da companheira. Disseram-me: — Não merece a pena ouvi-la. A historia de esta é a mesma historia da

outra. O mesmo patrão, o mesmo crime. E são tão iguais no modelo do delicto como o são no nome... A que lhe falou chama-se Maria Ruza e a outra tem o mesmo nome.

A MULHER QUE DEVOROU O FILHO!

A criminosa mais repelente da Relação é a mulher que devorou o filho Alta, forte, cabelos e olhos pre-



Sonhou um filho e depois de o ter matado

tos, conta o seu triste romance com uma indiferença idiota, que enerva.

Esta mãe que comeu o filho deu-me, logo de entrada, a impressão de que devia estar num manicómio. Enquanto fala tem distrações... Depois, mecanicamente, vai dizendo, em palavras frias, em palavras que não significam arrependimento ou prazer, como se desentrou o tragico film: que interpretou.

Chama-se Maria de Jesus. Tem vinte e oito annos e desde os quinze que desceu da sua aldeia trasmontana para a casa de um casal rico, de Vila Nova de Gala. Era uma criada exemplar. Os patões depositavam na grande confiança e estimavam-na. Há annos, começara namorando um militar de artilharia 6, ex-criado de um café do Porto. Chegou a abraçar os um amor ar-

dent: de promessas. Casar-se iam logo que ele saísse da tropa... Amarrada a este juramento, Maria de Jesus (as suas colegas da Relação chamavam-lhe, agora, Maria do Diabo) entregou-se, antecipadamente, ao noivo. Entretanto, a sua patrão morria. E o patrão, só, viuvo de corpo e do coração, começou cingindo a creada de promessas e de ejos... Maria, dedicada ao autor do filho que lhe avolumava o ventre, procurou-o, certa noite, á porta do quartel e contou-lhe as propostas e ousadias do patrão, do velho libidinoso que os seus olhos de paixão nada não toleravam. O militar, ambicioso, respondeu-lhe: — Deves aceitar as propostas de-se velho... — Sim. Eu não me importo. Afinal, trata-se de um bom negocio... — E o nosso filho, que vai nascer dentro de semanas?—inquiriu amedrontada, Maria de Jesus.—Para que o velho não descnha, atrás dele só depois de dadas á luz... A criança pode morrer... Por seu turno, o velho, que é tão idoso, ha-de durar pouco tempo. Depois, pela maneira mais simples, ficamos ricos e, por fim casamo-nos!... — Mas, tu, queres que tu mates o nosso filho? — Que tem isso? Não vês, que ficamos ricos?... E, encorajada pelos raciocinios do noivo, Maria regressou a casa, meio convencida, sonhando com novos e felizes dias.

Maria, menos esquiva ás caricias do patrão, folcedendo terreno... Sentiu as primeiras dores da maternidade... Dizendo-se adiantada, tomou a resolução de ficar na cama. Sem auxilio de ninguém, deu á luz uma linda criança. Gemendo, teve um sorriso de felicidade perante essa encantadora madrugada da sua existencia. Devia matar essa alvorada de vida que acabava de sair das suas entranhas? Hesito. Logo appareceu, porém, a ambição diabolica do noivo, imperiosa como uma ordem de guerra, intimando a obedecer...

O patrão de Maria de Jesus, burguês ingénuo, a visitava frequentemente. Era afectuoso e oferecia-lhe palavras carinhosas. Certa manhã, quando o velho patrão vna mimosa-la com nova visita, Maria, num grilo de pavor, prsbu-o de entra. Que se teria passado? Era mistério para o velho burguês... Na noite anterior, dominada pela ambição tragica e criminosa do noivo, começara Maria de Jesus a ser Maria do Demónio... Duas horas depois de ser mãe, numa furia tempestuosa, lançou-se sobre o filho e esganou-o. Depois, tentou devora-lo começando a roer-lhe as perninhas... Tve um estreamecimento de alma, e quiz recuar. Era tarde. O filho estava morto, tinha perdido a vida para sempre! Então, com volúpia antrópofaga, começou o roer-lhe as pernas, os bracciaes... Não conseguiu ir muito

longe. Aquela carne fresca, mas muito salgada, produziu-lhe vomitos e um nójo invencível. Um ataque mais violento de vomitos obrigou-a a desistir... De manhã, aterrada, para que ninguém descobrisse o seu crime, escondeu o corpo do filho, mutilado, roído, em pedaços, num jornal, e enfiou-o no colchoal...

Uma sua amiga, uma confidente, denunciou-a á policia. No dia do julgamento já estava apatetada, semi-louca. Fica-se com pena e ódio a esta mulher depois de ouvir o seu horriavel folhetim. Está condenada a vinte e cinco annos... O noivo? Desappareceu. Os grandes orientadores de todos os crimes sorriem-se, quasi sempre da Justiça!...

NOME SANTO E FATIDICO

O mais singular entre esta interminavel familia de mães que mataram os filhos é que todas se chamam Marias! As outras acusadas, criminosas de outros modelos, tem nomes diferentes, muito diferentes. Esta aqui uma parteira, tipo banal de mulher, acusada de provocar um aborto numa dattlografa, uma rapariga que não queria deixar de ser estilizada e que não resistiu ao parto violento, forçado. Como a sua vitima e como todas as devoradoras das vidas dos filhos, tem esse nome que a igreja santificou e que as canções das cortezãs popularisam. Um ha do de Marias, de vidas atiradas para a voragem das tentações do crime. Maria das Dóres, vinte a dois annos professora, uma beleza singela, que pra se vingar da fuga do amante assassinou um filho dos dois confessou-me: — O meu nome tem sido o farol da minha desgraça. A minha senda podia chamar-se Maria das Dóres! Nome santo? não. Nome fatidico...

A QUE ADORA UMA BONECA...

Passo os olhos agora pelo dormitório das mulheres, uma sala fresca e florida como um dia primaveril. Dentro das camas brancas que estão na minha frente é que as assassinas de crianças se debatem, noite alta, com os tentáculos do pe sadélo e do remorso.

Apontam-me uma rapariga, de olhar distraído tão distraído que não deu pela minha chegada. Está sentada junto de um berço, debruçada sobre uma cama do tamanho de um lenço, adorando uma criança. O filho?... Não. Desfazem o meu engano e informam-me. Era costu-

reira, romantica como a maior parte dessas bonecas falantes dos «atliers», e um estudante prendeu-a na tentação da sua capa negra.

Tve um filho, começou a percorrer novo caminho de alegria. Veio, porém a tristezza no dia em que o «D. Juan» regressou á sua aldeia metimofosado em médico. Nunca mais se viram, nunca mais se encontraram. Até que a pobre e linda costureira, desprezada pela familia e por todos, sacudida pela fome, matou o filho. Historia sim-



Perna, insetivel, apatetada, grande do corpo nas matas maior foi o crime que praticou

ples como um veio de agua. Agora, todos os dias, costuma debruçar-se sobre aquele berço, fitando uma boneca que as suas companheiras lhe deram e que ela, nas horas febris da loucura, supõe ser o filho que matou...

A INOCENTE CRIMINOSA...

Outra Maria, mas esta foi presa por ter causado a morte de uma criança que não era seu filho. Nova, pouco mais de vinte e dois annos, fazia recados em casa do doutor R... Este doutor tinha uma fi-



Na penitencia do Trabalho vão-se esquecendo dos remorsos...

lha, leviana como a maior parte das raparigas de hoje gostava de balles e, segundo se soube, tomava coceína.

Apesar das suas levandades, não dera desgosto algum a seus pais até aos dezoito annos... Velo, porém, um Verão e, a leviana foi com os pais para certa praia do Norte que está a ter, na época propria, um movimento cosmopolita. Aquil levou, até ao Invernosmil as suas loucuras. Namorou espanhóis e portugueses. Por fim, mais por curiosidade que por simpatia, apaixonou-se por Sylvio, o bailarino negro que trabalhava no Casino. E, também por curiosidade sexual, entregou-se a esse bailarino negro. Em Outubro, quando regressou ao seu palacete, vinha grávida. Escondeu dos seus pais e do estranhos a sua falta... Nas vespuras de dar á luz, contando antecipadamente com o sigilo da mulher dos recados, a Maria chamou-a ao quarto e confessou-lhe tudo, pedindo-lhe auxilio. — A criança tem que desaparecer... — Insinuou a leviana. E, desappareceu... Na noite do parto, a Maria, sem saber que crime estava praticando, levou o recém-nascido envolto em farrapos, e atirou-o ao rio! A policia veio depois a saber... A Maria foi presa, enquanto que a outra, a leviana, a verdadeira criminosa, fugia nos braços africanos do bailarino negro.

UM RAIOS DE SOL...

Desço, por fim, arrepiado, as escadas da Cadeia da Relação. Admito todos os crimes, todas as loucuras... nem só a felicidade dá corda aos relógios das existencias. Não. Por vezes, também as mãos criminosas de Meffistofeles se apoderam das almas e as empurram para as encruzilhadas da fatalidade!...

Aproximo-me da porta de saída, dessa porta por onde as criminosas que acabo de ver entraram há annos. No momento em que me vou a despedir do empregado que me tem acompanhado, passo por um homem, tipo de operario ou de miseravel, que levava uma linda criança nos braços e vai, agora, subindo as escadas.

Diz-me o empregado: — Sabe quem é aquele homem? É o marido de uma das mais perigosas ladras do Porto, que está presa aqui! Todos os dias aqui vem, com aquela criança, filha d'ele e da ladra. Esta criminosa não pode passar um dia sem ver o filhinho... Saio para a rua. A noite já chegou há muito. E a é noite também na minha alma, provocada pela nuvem de criminosas que passaram pela minha frente. Aquelle raio de sol, aquella gata

que não pode passar um dia sem ver o filho, varreu, finalmente, do meu e-pirito as negras imagens das mães que mataram os filhos!...

Guedes de Amorim

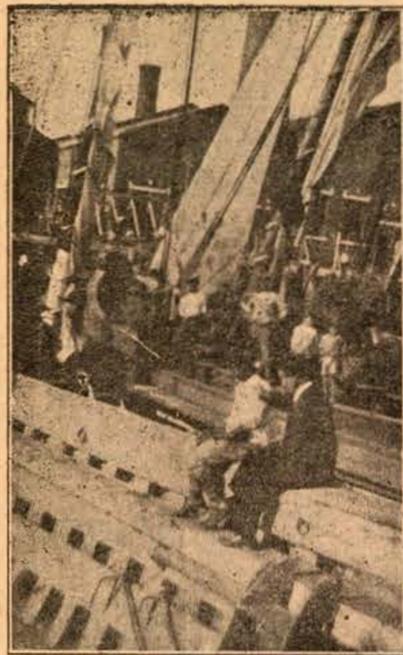
Ler no proximo numero:

Como se faz escravatura branca em Portugal

Revelações sensacionais sobre um dos mais melindrosos problemas internacionais



Tem a profissão de axillar partes e termina por se tornar criminosa com elles...



Um conjunto da frota de esterco do "Porco Sujo"

A CIDADE TOSSIU, CUSPIU—E LIMPOU A BOCA...

Lembra-vos do antigo carroção que todas as manhãs, rangendo ferragens e tilintando a campainha convidava a vossa creada a descer ao portal o caixote do lixo? A cidade, corpo gigantesco ao ponto de centenas de milhares de corpos humanos, ventre regularíssimo, despeja todos os dias montões de emundices minúsculos cadáveres de 24 horas de vida titanica que logo são tragados por sordidas bocarras... A cidade tosse, cospo, alivia os seus brônquios; e todas as manhãs os escravos da cidade recolhem discretamente os escarradores da cidade; e levam o seu agonizante conteúdo. Chama-se a isso o "lixo"... E quantas vezes não tereis sentido o desejo veemente de seguir a trajetória desses escarradores da cidade, como quem corresse atrás de uma carta para surpreender o seu destino? O lixo, a emundice quotidiana da cidade, precisamente por que anealha, democraticamente, no mesmo monturo, os restos e podridões da existência de toda a população dos ricos e dos pobres; precisamente porque toda a gente contribui, para esse lixo, atirando a sua cota, numa pressa de noj, é que impressiona como um viveiro de segredos, como um diário sintético com o apontamento sujíssimo de todas as intimidades humanas, como um areal que tanto pode revelar os restos dum banquete imperial, como as cartas de um amor frágico, como a pedra de um diadema roubado, como a chave de um cofre, uma colher de prata—entre as espinhas de um peixe, as ossadas de uma galinha, um lenço perlumado. A fome e a abundância, a ventura e a fatalidade, o amor e o ódio, a ambição e a piedade, a mentira e a traição, o sonho, o crime, o adultério, os reis, os burgueses, os santos, os santos, as mulheres belas, os loucos, os concubinas, de tudo e de todos se compõe a enciclopédia do lixo... Esse o lixo é um livro imenso, uma obra prima realista do dia a dia da cidade; um livro no qual, tu e nós, escrevemos todas as manhãs a nossa confissão; quando muito, formar-se uma página, a página da nossa rua—para onde o levam? Qual é a biblioteca monumental onde o arquivam ou a fogueira onde o destroem? Vem comigo leitor; vem atrás dos detritos da tua casa e de todas as casas e sabeis então o que representa o mau cheiro, o desperdício, os germens de todas as pestes, multiplicadas até assumir as grandezas de um trono. Sim—de um tronol,



Uma barca cheia de peixe com que "Rei do Lixo" alimenta os porcos

Também eu fui ao vasto império do lixo rebuscar, vasculhar—não um anel—nem uma carta. Era uma causa—a causa de muitas doenças que atacam periodicamente a população da grande cidade—sem que os médicos possam diagnosticá-las com segurança, por falta de indícios... E' que estes pobres portugueses de tudo se alimentam—tá de lixo. As materias mais abjectas rende n dinheiro—porque as transformam em generos alimenticios. «Não é tanto assim» protesta o leitor. «Existem leis fiscaes, sub delegados de saúde; e quando os alimentos estão improprios para o consumo separam-nos e, regando os com petróleo e creolina, põem uma barreira irredutível entre a população e as necessidades do consumo.» De facto, quem tenha assistido ao rigor com que os sub-delegados mandam desterrar as altas pirâmides de peixe podre e ducha-las de petróleo e de creolina—não pode supor, nem ao de leve, que ele invada um dia o ventre da cidade, levando alem da sua podridão envenenadora, a intoxicação mortal do petróleo e da creolina! Mas—ingénuo leitor—esse peixe mesmo depois do index da sciencia e dos venenos com que o ream é escamoteado após uma ábil metamorfose—é vendido á população mártir. Eis o principal segredo que me conduziu ao local da escama

O «PORCO SUJO», OS PORQUINSSIMOS E O PEIXE PODRE

teação, onde o lixo é armazenado e onde o peixe se transforma...

O segredo é afinal bem simples. O peixe podre é moído em barcos que conduzem á outra margem do Tejo a uma grande fabrica de guano—que o recebe como rico elemento para adubo animal. O peixe que grande parte deste peixe podre não vai para o guano. Vem o Porco Sujo—vulgo o Diabo, escamoteia-o e dá origem á existência de indústrias clandestinas, perigosissimas, para a saúde. Uma dessas indústrias é a criação de porcos alimentados com esse peixe que Lisboa expulsa por ser improprio para consumo. Compreende agora o leitor? Burlando as leis e os sub-delegados de saúde, o «Porco Sujo», que negocia em porcos muito mais limpos do que eles adquire essa podridão, agravada com petróleo e creolina, alimenta com ela os animais que fi am, lá por dentro, com um frasco de veneno dos Borgia; e depois de os engordar vende-os a quem, por sua vez, sub-divisiona essa carne envenenada em mil pedaços a oferecer ao publico. Daí, a coluna e meia de casos de misteriosas intoxicações que os jornais noticiam todos os dias; as doenças que vão depauperando, todo a gente, este mal estar fisico, este enfraquecimento, que é como uma fatalidade epidémica que ameaça a nossa população. Toda a gente sofre, em Portugal—sobretudo em Lisboa. Puderá! Como não há de sofrer-se, entre outras poucas vergonhas dos ambiciosos,—se come carne de porcos creados com peixe podre, petróleo e creolina?

Muitos dos porcos, com uma resistência estomacal mais semelhante á humana não aguentam muito tempo a podridão que ingerem e morrem sem ser de face—morrem como acualmente morrem quasi todos os racionais: envenenados! Ora o «Porco Sujo» que os cria tão ambiciosos, gananciosos e pouco escrupulosos que para economisar um pouco nos alimentos não hesita em envenenar a gente—não usaria desta sustuma se a enorme mortandade entre os porcos representasse um prejuizo. E a unica dedução logica que se tira é que, não podendo esses mortos causar-lhe prejuizo é porque ele ganha com os caifados pela podridão e mes no que ganha com os que vende milagrosamente vivos. E sendo assim—quando o peixe podre e o petróleo se enganam e fulminam os porcos, julgando que são seres humanos—ele transforma os cadáveres rapidamente em chouriços, presuntos, fiambres, etc.—e o seu cofre continua a dilatarse. Este crime contínuo, este crime que ameaça quotidianamente a população de uma capital—não é arrancado a uma obra de Ponson da Terrail nem se pratica em Whitechapel, na China Town ou no boulevard exterior de Paris... E' a dois passos daqui. Basta atrevessar o rio, chegar ao Seixal, dirigir-se a Coima. Varias denuncias anonimas tinham chegado até ao «Repo. ter X»; mas como neste caso o anonimato morre instantaneamente no cesto dos papeis—só agora, ao receber-se uma curta assinada, fui encarregado de uma reportagem sobre esta ignominia.

—E' verdade! E' verdade!—repetiram «surplaco» dezenas de habitantes de Coima.—Alguma barca a transbordarem de peixe podre destinado ao Guano, ao perderem de vista o ponto de partida, desviavam-se do rumo e deixando se atrelar aos gazolinas do «Rei do Lixo» desembarcavam aqui a sua carga nauseabunda. A pestilência que o peixe, amontado na criação dos porcos, exalava enchia a vila, amargava o ar que respiravamos. Fizemos varios protestos—assinados por todos nós—que se achata-vam inutilmente contra as grantificas influencias do «Porco Sujo». Por fim conseguimos chegar até quem

A Historia do «Rei do Lixo», o lixo que é ouro; o e os porcos creados «Homem que é Diabo» com peixe apodrecido

As entranhas da cidade... por dentro.—A traje petróleo.—Os porcos que vivem e o povo que com o diabo.—Os romances do lixo.—O que

ctoria do lixo.—O peixe inutilizado e regado com morre.—Os protestos.—O pacto do «Rei do Lixo» o lixo oculta.—A Campinha e o Mandarin

Do nosso enviado especial ao «Reino do Lixo» em Coima—(Seixal)

de direito—e o peixe não tornou a ser trazido para aqui... Os porcos continuam e há quem diga que foi tua a questão de melhor disfarce, mudança de local e outros «trucs»... Não dividamos que a pouca vergonha continue... O «Porco Sujo» não é homem para dar o braço a torcer.

«Porco Sujo? «Porco Sujo»??? Toda a gente nos falava do «Porco Sujo» como uma sujidade superior á dos porcos. A quem se queriam referir? Conheciámos o apodo na terminologia medieval, quando o terror infernal, o fatalismo, as feitiçarias faziam com que o povo pinhasse o diabo mais feio do que era. Para que não houvesse sujeitas de tolerancia ou de simpatia com o Imperador dos Infernos—aludiam-no, benz não-se e cuspiam o pleonasmo aviltante. «Porco Sujo»... Mas em pleno século XX, em Coima—quem seria o tigo merecedor do cognome de Satanaz? Investiguel e logo me esclareceram. E' que o «Rei do Lixo», não deve o seu triunfo na vida, a sua fortuna imensa, o seu poderio—apenas aos poucos escrupulos e ao galopar incessante, apocaliptico, das suas ambições... O «Rei do Lixo» que é tambem dos «Porcos»—vendeu, como Faust, a alma ao Diabo; e graças ao culto fanatico que lhe dedica, cheio de rituaes e de feitiços—afirma o povo—goza da sua protecção valiosa, dos seus sabios conselhos, de todos os elementos de que dispõe o man anjo—e dá o «sonbriquet» de «Porco Sujo» pelo qual ele é conhecido.

SUA MAGESTADE E A SUA ALIANÇA COM O DIABO

Não julguem os senhores que esta lenda da aliança com o Diabo é humorismo de reporter, «blague» de algum gracioso de Coima, visão morbida de qualquer espirito perturbado ou crendice de velha caduca. Não: é o convencimento de todo um povo revelada em voz alta e atitude grave por todos com que falei. Não diz a voz do povo, se nesta tentativa de pacto com o demónio, o futuro rei, assinou com o seu sangue um pergaminho virgem, ou se sacrificou um gato preto como mandam as boas regras do tradicionalismo português na feitiçaria rural. O certo, é que, o diabo ao aparecer, impôs em troca da riqueza, a sua propaganda, e esta tem sido realizada, pelo «Rei do Lixo», como adiante se verá. Um dia o diabo appareceu ao «Rei do Lixo», quando este pelintrao ainda—afirmou a gente de Coima—e disse-lhe que não tivesse medo caso no dia seguinte um moinho que ele possuía, como unica fortuna, fosse envolvido por misteriosas labaredas. Se tal se desse e ficasse destruido—era porque ele, o Diabo, aceitava a aliança e lhe prestava todo o auxilio. O fogo, fez de facto, a sua aparição, e desde esse momento, o futuro «Rei» começou a sua feliz carreira de negocios. Tudo quanto ao diabo agrada, se transformava em fonte de riqueza, para o seu pro-

tegido. Quem se havia de lembrar que um vagão de chavelhos pudesse originar um bom negocio? E foi o primeiro e notavel cometimento do futuro Rei do Lixo. O diabo não faltava á sua promessa. A imundície preferida pelas entidades infernias, com o seu terrivel mau cheiro, que provoca a desolação e evoca a peste, deveria ser o mais poderoso auxilio da fortuna deste soberano.

E' então que o antigo marchante, ante o pasmo dos vizinhos arremata todo o lixo da Capital—o enorme escarro que Lisboa arranca, todos os dias das suas entranhas, e que enche dezenas de «camions» e que outrora se despejavam no rio e que hoje se transformam numa inesgotavel mina de ouro. Custa-lhe uma bagatela aquele monturo quotidiano—e sabeis por quanto vende ele depois aos lavradores, que fazem do lixo um magnifico adubo? A quarenta escudos, cada trinta cabazes! E como a capital lhe oferece a diário muitos milhares de cabazes—fácil é assinar a multiplicação desta fortuna.

O povo pasmava sem compreender para que queria aquele homem tanto lixo—e como os boatos de aliança com o diabo já existiam este pseudo capricho veio dilata-los. Mas—quem mais os fortalece e os propaga é o proprio «Rei do Lixo». Sabeis como ele batisou o local onde armazena os detritos de Lisboa? A «Quinta do Inferno!». A sua residencia principesca—recorda tambem no nome que encima o portal, os reinos do inferno: as proprias barcas que conduzem o

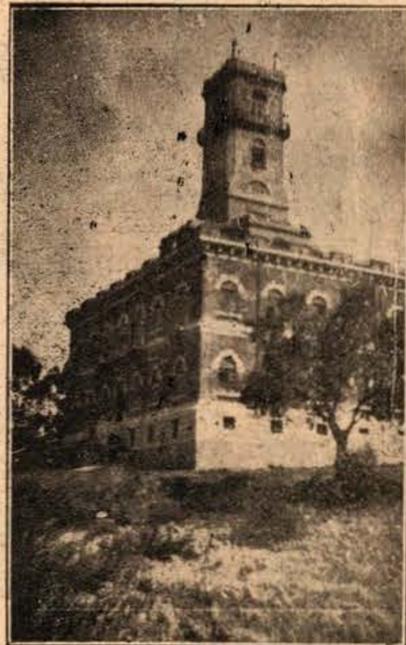


Uma fragata carregada de lixo... que o Diabo massou

lixo chamam-se: «Belzebut»; «Plutão», «Proseipina», «O Diabo», «Lucifer», «Lusbel», «Astaroth», e outros apelidos e alcunhas da infernal familia... Na sua casa, é que se oculta dos olhares assustados mas curiosos dos vizinhos—o «Rei do Lixo» pratica rituaes negros para os quais possui um monumental forno onde—garantira-me esses vizinhos—evoca e comunica, palestra e divide os lucros com Mifestofiles. E quando um pobre se lhe acerca a lamuriando a supplica duma esmola é certo que ele o repele, dizendo-lhe: «Não lhe adou porque ma pediu pelo amor de Deus! Pedisse pelo amor do Diabo que eu davalha.» E entre outros, o sr. Joaquim Barbeiro, assistiu a uma scena deste quilate.

ROMANCES DO LIXO

Mas não é só como adubo que o lixo enriquece o seu soberano... A capital está dividida em 12 zonas, com os seus inspectores, capatazes, e cantoneiros (nome que só dá aos modernos «Almeidas»). Esta organização burocratica serve para que aquele aliado do diabo receba totalmente os seus enormes «camions» de lixo... E quem, um enjoo, os vê despejar nas barcas e as barcas nos armazens da «Quinta do Inferno» não suspeite o que o lixo arrasta, o que o lixo escamoteia e oculta—tudo para engrandecimento do seu monarca—que vive num palacio vermelho como um clarão de fogo e de recorte medieval. Uma vez amontado o lixo, o pessoal do «Rei do dito», como mineiro de uma mina de minsculas riquezas, mergulha naquele oceano fedorento, como indios pescadores de pérolas—sob a vigilancia atenta dos fiscaes do patrão. O que eles encontram



O Palácio do «Rei do Lixo» em Coima

(Conclue na pag. 15)

O casaco de peles de "Madame Zuca," pelo Reporter X

As "avenidas", em todas as capitais são um foco de tentações, um imã perigoso, um palco onde o clarão dos seus globos elétricos ergue como que uma muralha, por detrás da qual pulam os dramas, os folhetins, as novelas, os romances — e uma vez por outra, as farças. O «Reporter X» realizou uma reportagem as "avenidas"; e como não bastassem, os assuntos interceptados pessoalmente pelo seu posto de jornalista solicitou de um velho amigo, «velho regisseur», contemplativo dos mistérios das "avenidas" algumas páginas das suas volumosas memórias. «O caso das cartãs amarelas», «specimen» das citadas que as "avenidas" armam aos pares e sinceros que se deixam seduzir pelo seu luxo e pelos seus marmores é a obra prima. Jam «chantagista» ignóbil, torturando um coração de mulher, ameaçando-a com as "cartãs amarelas" que ela imprudentemente lhe dirigia — salvando-se a tempo pelo contra-ataque imaginativo e energético de seus amigos-generosos. «O Baile das Cem Mascaras» enfileirado no mesmo gênero dramático — é, como o episódio anterior e todos os que se publicarem nesta reportagem, um virídico ctedrio de uma vítima das avenidas, arremçada para o abismo pelo vício assassalador que criminosamente lhe contagiaram. «O casaco de peles de Madame Zuca» é o mais ameno dos três — o mais suave sem que por isso se emancipe, de todo, do fel e da amargura.

IV

Conheci «Madame Zuca» e o marido numa noite que fui buscar o meu amigo a casa. No momento de irmos e passete, i-traiu-me a chibreda de uma dama «nervando um imperial casaco de pe es, os cabelos cor de aovich», nus, exibindo um corte franjado sobre a testa, a Raquel Meller, sem outra coisa do «aquilagem» de que a luz dos seus olhos verdes, enormes, que reverbe-ando pareciam entornar uma tinta extravagante sobre o rosto triangular e perturbador. Mas, sobretudo, o que impressionava era a riqueza da sua frourrure, inodita em Lisboa e a vivida da sua «verve». A seu lado, dando o braço com a bengala, meu colita na algeibra do sobretudo e a «penteira colada ao hombro como uma «spada de oficial, chapéu alto, laço branco, peitilho espalhado, ia um rapaz de trinta anos, de perfil anguloso, toita vasta e exalando simpatia. O en-entro com o meu amigo foi pretexto para tornar mais ruidosa aquela algazara. fuzillando-o de frases risionhas que sublimadas por ela própria com gar ralhadas históricas e sem deixar inter-alo a que o meu amigo lhe respondesse. E como logo a seguir passava um taxi que fez parar com berreiro, despediu-se, num alvoroço de creança, dizendo que ia para a casa do embaixador... — não proporcionou ocasião ás apresentações.

— «Ella é Cândido de Almeida. (1) filho de boa gente, sobrinho do conde de... e com direito a usar o aveludo dum dos mais gloriosos navegadores do nosso seculo de ouro. Queimou rapidamente a herança dum tia — unica parente em linha directa que possuia. Depois tomou para a serio, trabalhou e trabalhou emercantimental — mas ainda não foi batofado pela sorte grande de um bom relógio. Tem tudo pelo contrario varias crises angustiosas. Ella é... Você deve conhec-la... No seu tempo de bohemio não ouviu falar da Mãe Zuca?»

— Não entendi-a; mas apparez dis-into a alguma real com que justificadamente a apoderaara (muito honestamente a esta que inventei em substituição da autentica) não que me era extranha.

— «Boa noite» — mas toldada, como não vi outra. E gasta dolo. Tem-se portado com decência — o que é raro nas amantes que não premidadas com o casamento. E mal sabe aia que só por

proteção de Deus é que o marido por sua causa não está hoje numa penitenciaría. Satiu-se bem e foi essa sua loucura que cimentou a sua felicidade. Antes assim... A história é grave, seu amigo do rapaz, só eu é que conheço este pequeno pódre — mas como confio que você se congratirá as cousas de forma a não o comprometer, não me ovade á tentação de a contar.

«Madame Zuca» ganhou tal fama de pessoa alegre que teve o efecero o nome. Casou-se de esperar por marido, mudou de vida, divertiu-se sem se ariscar muito, despertou várias paixões em individuos que talvez tivessem acabado por fazer o mesmo que Cândido — mas quando o idillio parecia aproximar-se da realidade nascia uma secreta e súbita desarmonia que os afastava.

«O primeiro homem que conseguiu abrigar-lhe o mesmo teto foi isto. Viveram, sem benção de padre nem registro durante um ano. Amigo de ambos, vistei-o a miúdo. Ella parecia-me dedicada e enamorada do amante, suportou com inteligente alegria, animando-o, varias crises economicas. Mas passado o ano comeceti a notar a frieza que preambulava todos os anteriores rompimentos. Em Dezembro de 1928, demos um jantar de homenagem a um amigo comum, official do exercito, pela brilhante figura que fizera num concorso hipico em Italia. Foi no Avenida Palace — o recorde-me que o toast-fol interrompido (o eterno balajismo liso) pela chegada de um casal que suspendeu pelo beicinho todos os machos presentes. Eivocou... Não foi o casal... Foi a dama que com um joalheiro belga, trezandando a joia, formava esse par. Que espléndida

mulher, mulher vampiro, masaqueando com talento a Greta Garbo com quem se parecia extraordinariamente mas muito estude e ensaio. Devia ser a «favorita» daquelle sultão das pedras preciosas. Vinha recamada de joias, mas a sua maior imponência vinha de casaco de peles, uma «frourrure» precisa, daquellas que merecem coto forte quando se despem e que ofuscava a grandiosidade dos brilhantes e das saffras — dos diamantes que a conselavara. Cândido, foi de todos nós quem menos tempo perdeu na hipnose contemplativa. Fugos em Portugal mais do que de que é proprietário proximo da Praça dos Restauradores assisti a uma scena que devia decidir este pequeno drama. A amante dj. joalheiro eivocou comprar a pronto pagamento uma «livrosca» cara — não porquê a «livrosca» em Portugal mais do que tinha pensado e como não trouxera nenhum dos seus carros nem estava para andar em taxi — resolveu adquirir um em Lisboa. Eshabamento de «cocotte» com admirador «millionário». Mas eis que «Madame Zuca» entra tambem no «Stand» a visitar o amante e se perturba como nunca a tinha visto ante a estrangeira. Durante muito tempo julgai-a fulminada por uma crise de ciúmes e profetisi logo uma noite de tragedia intima — porque Madame Zuca não é para graças. O que mais me convenceu dessa hipotesis foi a attitude de Cândido ficando tão perturbado como ella e já não acertando na conversa com a cliente, num continuo gaguejar. E quando pouco mais tarde o encontrei no «hall» do Avenida Palace e ele me informou, «contrariado com a minha presença, que viera hospedar-se ali porque a companhira fora á provincia, a casa dumas tias — disse para comigo: Ella fugiu-lhe e elle aproveitou a deixa para merecer, de facto, os ciúmes injustificados de Madame Zuca». Sim... acreditei que e's viera para ali para se aproximar da amante do joalheiro.

«Naquelle mesma noite dem-rei-me no quarto do consul do Brazil em Humburgo, meu velho amigo, a quem ia visitar, l'herboricando livros e recordando a nossa mocidade em P. ris. E quando sai, depois da uma, ao atravessar um corredor percebi ritidamente que Cândido e'treabria a porta de



A senhora ostentando de casaco de peles, foi comprada um carro novo...

Ride, paglaço!!!

O Bastidor dos Bastidores

A crise e as grandes «vedettes» — Quarenta «tournées» pela provincia. — A odisséa dos pequenos artistas. — A tragédia de um capital de quatrocentos escudos. — As malas aparafusadas. — As pombas adestradas e comestíveis. — Doze sardinhas por cabeça

Nunca, como agora, a crise do teatro tomou uma generalidade tão desorientadora. Os empresarios do Porto preferem ter as portas fechadas a totalisarem as perdas pelas despesas de cada noite. Em Lisboa os cartazes fogotaciam—acendiam-se por uns dias, após longos períodos de trevas. Alguém em

torlo de duas revistas feitas com retalhos de todas as revistas; falava a umas «sindnetes» também a fisas de «tournées», a um tenor, a um bailarino e fez contar. O Valverde, amigo de outras éras; daria o guarda-roupa a «crédito»; fulano seria o secretário da empresa; com 400 escudos para bilhete de terceira pagar-se-lia a deslocação para a primeira terra. Daí por diante (sacra utopia!) as despesas dariam para se estabelecer o «otoc-continuo» das viagens... Mas como arranjar 400 escudos? As duas filhas conheciam um logista visinho—um sujeito respeitavel. Uma delas encheu-se de coragem e foi propor-lhe o negocio; com o entusiasmo que lhe empresta o sonho da gloria e da ribalta naqueles vinte annos. O respeitavel comerciante teve um sorriso de ingenuidade. O quê? Estavam pressas só por fôr? Se contassem com o dinheiro. Que ensalassem, que preparassem tudo—que quando fosse preciso e financiar a «tournée». Foi um alvoroço naquelle ranchada de teatrosomos... Pediram a sala emprestada a um «club» de amateurs. O velho C... «compré» de todas as revistas ensalava... O tenor estudava gestos e notas ao espelho—como se o espelho reflectisse já as pistelas aplaudidas de «admiradores», aplaudindo-o como a Tito Schlipa. O «bailarino» ex-moderado calceiro, contorcionalva o corpo procurando ultra a sar o «Francis», esmanando num dia não longuinho em que o Amaranite; a Eva e a Hortense o descobrissem e o disputassem com tentações de ordenados de multos contos ao mesmo tempo que ensinava danças e «cânticos ás coristas» — «midnetes», procurando descobrir o principio, o fim, todo o movimento dos números fotograficamente estatísticos sobre as revistas do «Casino» e do «Mayol». E elas, coristas e estrelas, com os olhos febris, a aquarem sobre a victoria dos pequenos teatros mais sabrosa para ellas do que para as «vedetes» a gloria de Paris...

Quando a companhia se julgou pronta a exhibir-se a filha do velho C... decidiu ir buscar o capital

prometido. Ficou o elenco com ardores de emoção—enquanto ella fol. Eram quatro da tarde. Fouco se demorou. Esperavam na a janela; e mal a viram dobrar a esquina interrogaram-na impaciente-mente, com gestos—embora não houvesse naquelles espiritos optimistas a menor dúbida sobre o «xito da «démarche»... «O sr. Beltrano disse que voltasse logo, ao fechar da loja», —participou a moça—E estava mais amavel do que nunca». Ninguém foi jantar—caso houvesse jantar á sua espera em casa. A pequena foi mais do que postual —e desta vez demorou-se perto de uma hora. Niegue a se assustou —mas a febre da anciedade intensificou-se... Estavam vendo já as quatro notas de cem—a chave daquela cam-lhada apod'ete... V ágens... Terras novas... Luz da ribalta... Palmas... E depois dinheiro, muito dinheiro—tudo dependente só daquelas quatro notas... Não viram a entrar mas ouviram-lhe os passos na escada. Correram para ella, cercaram-na... Mas ella não podendo conter por mais tempo as lágrimas, calou, sacudia pelo pranto, nos braços teatralmente oportunos do pai... Pasmou... O que queria aquillo dizer? Perdera o dinheiro pelo caminho? Que não! O sr. Beltrano estava já com melos alpar corridos quando ella chegou. Fechara-se por completo depois de entrar... Espargi-lhe nas mãos perguntando, muito balfo se vinha pelos 400 mil reis... Como ella respondesse afirmativamente, engastara se com vários «multo bem; multo bem»; e sem lhe largar as mãos começara a cochichar-lhe ao ouvido, com uma voz suavel, tremula, cochichos de mau agouro... Que ella era muito «lindinha»; que há muito que gostava dela; que... E por fim, como ella se desprendira, pôs cartas na

meza. Quatrocentos escudos era muito dinheiro—e elle não os perdia só ganhava... e garbasse uma noite de amor! E ella não quizera escutar mais nada. Fugira com repugnância—e talvez com méio de se tentar e de comprar pelo preço da sua tão sincera virgindade a realisação daquele sonho...

Que quadro o desfizer daquelle elenco. Toda a sensação real da miséria mortificada durante a esperança dos ensaios, os assaltos, «Que a todos, do bailarino e do tenor á alliva corista, impalidecedora», apoucando-os, fazendo-os torbar a cabeça sobre o peito—como vencidos espalhados... Vimo-los partir—e tivemos infinito dó... Mas naquella mesma noite, o tenor, o bailarino, e velho C... em redor de uma meza vazia do café começaram a planejar outra «tournée»...

A. T. antes de partir para Africa disse me uma vez: «Como artista bato o «record» das malas abandonadas em hotéis... Andam por umas sessenta... Mas era uma despesa superior aos meus recursos. Resolvi introduzir uma «economia» nesse sistema... Já conheço—at-lhe. Enches as malas com pedras para que os hoteleros as julguem cheias... —Isso sim... Isso é «vieux jeu»; agora aparafusa-o de fundo ao soalho. E' mais modo porque não corro o perigo de ser surpreendido a carregar uns caixas—e a confiança das patrões cresce ante a impossibilidade de as levantarem.»

José de G... tem sido tvdo em teatro. Começou por maquinista, foi ponto, contra-regra, actor, ensalador, autor, empresário de «mombemas»; organisador de circos

(Conclue na pag. 15)



...O empagado era o seu unico ganho pelo

contacto com a inspecção informamos que cerca de quarenta «tournées»—algumas de cinco e quatro elementos apenas, «mombemas» pela provincia. E' ta debandada para a provincia é uma utopia. As grandes companhias contentes ficam quando sorvem pelo «guleto» do rez do orçamento. Mas se os «szes» revivendo as páginas affilvas da valha tragédia salubramente o «Ride Paglaço» doirado, o que será a odisséa dos pequenos, dos modestos, que também comem, ou antes, que também não comem e querem comer e que lutam—sem dispor dos recursos da fama dos outros? E' sobre um apanhado de epidídios heroficados por esses anónimos supplicados da «chomage» que esta página foi escrita.

O velho C... uma utilidade conhecida no Norte, teve duas filhas, ambas artistas com palmelho de cára, muito menos de vocação mas que só essencialmente honestas. Antigamente, chegando a esta éocca, a família agrupava-se a mais dez arti ts da mesma categoria e a «tournées» dava lhes para todo o ano. As poucas economias que restavam foram queimadas no ano passado—o terceiro de prejuizo no negócio. A mi-éria bateu lhes á porta. Todos os artistas, bons ou maus, são mártires da sua profissão e do seu sonho. Por mais cruel que seja a experiencia, na da os lárdios de empégo. Preferem se estes longos desempregos, se guldo de períodos mais eslastantes do que em outro qualquer mister para no fim receberem um dólmo do contracto, passarem vergonhas, ficarem com as malas e os ultimos trapos de lençol nos botões—uma situação cômoda. O velho C... com mais razão dizia que não era possivel, naquella idade empregar-se lca do teatro. Fez um esforço. Planeou um reper-



Os amecatos femininos da nova «tournée» comiam a estudar, ralhando com a gloria e com a fortuna



qual fôo o momento mais emocionante da sua vida?

O escritor João Grave evoca uma scena da sua infancia—Albano Matos, da direcção do Sindicato do Chauffeurs do Sul conta uma tragédia automobilística



Albano Matos conta um drama em uma estrada solitária

Albano Matos, secretário geral do Sindicato dos Chauffeurs Profissionais do Sul, é um volante experimentado e prudente que sabe como poucos do seu metier. Tem sofrido, como muitos seus colegas, grandes emoções. Esteve em Africa durante a guerra, ao serviço das tropas portuguezas, sujeito a mil perigos e surpresas nem sempre agradáveis e está portanto habituado a sentir pulsar-lhe o coração violentamente ante as ciladas que a sua profissão e a sua vida errante através do mundo lhe arma de quando em quando.

—O momento mais emocionante de toda a minha vida disse-nos elle—foi sem duvida uma aventura em que involuntariamente me meti, há uns bons oito anos. Guiava eu então um carro particular, «Rocher-Schneider» de vinte e dois cavalos, e que nesse tempo era considerado um automovel de grande potencia.

«O proprietário do carro revolvera dar a volta a Portugal, acompanhado pela familia. Quando seguíamos de Vizeu para o Porto, antes de chegermos a Castelo de Paiva, o proprietário, que era um mau volante, apeteceu-lhe guiar o carro. Acedi. Elle era o dono, eu, um simples empregado... Entretanto, recomendei-lhe cuidado e, que, principalmente, dentro das povoações, seguisse devagar. Elle, porém (é a mania de todos os principiantes) foi depressa, fazendo grande barulho com o escape livre. Era domingo, dia de feira, e ao atravessar-mos Castelo de Paiva, um cão de raça (mania de todos os cães) atirou-se para debaixo das rodas e morreu. O populacho indignou-se, barafustou e nós fugimos. Uma frase define a psicologia do meu patrão. Ao matar o animal, elle, que era pobre de rico, exclamou cheio de piedade e de remorso: «Preferia ter perdido

cinco mil reis!» Perguntei a mim proprio quanto desejaria elle perder para evitar a morte de um homem...»

Esta era a parte jocosa da aventura. Súbitamente sério, Albano Matos passou a segunda parte, a dramática.

—Castelo de Paiva á ficara para traz A estrada circundava agora uma alta montanha. Para um lado descia um vale profundo, para o outro subia a encosta.

A estrada era uma linha branca, poeirenta, entre os dois perigos. Ao longe surgiu um carro de bois. «Cuidado, afrouxe e a velocidade porque estes animais são assustadiços. Se for preciso pare», recomendei ao meu patrão. Elle, confiante na sua sciência, procedeu ao invés dos meus conselhos. Escape livre, aproximou-se do carro de bois. A frente destes vinha uma garota dos seus catorze anos que os conduzia por uma corda; sobre a carga da carroça, como de costume, o boeiro dormia. As detonações do escape, porem, acordaram-nos. Mal desperto, assustado, o homem pulou para a estrada precisamente no instante em que, sem afrouxar, o meu patrão passava entre o carro e a encosta. Foi enroscado pelo carro. Uma nuvem de poeira... Gritos, confusão, e o proprietário larga o volante. Decidido, quasi por instinto, desviei o automovel do vale e parei.

Albano Matos deteve-se um momento sem fôlego para logo proseguir atalhadamente, como se ainda estivesse em presença do perigo.

—Saltei á estrada, enquanto quatro pessoas e duas crianças da familia do proprietário gritavam, e... não vi o carro de bois. Tinha-se despenhado no vale com a garota que o conduzia. Uma tragedia horrivel! O boeiro jazia inanimado. Conforme pude, arrastei-o para o automovel. Estava ainda quente, mas morto, e enroscilhava-se-me nas mãos como uma informe trouxe de roupa. Foi esse o momento mais emocionante da minha vida. Creio que não tornarei a sofrer uma comoção tão violenta.

Escutem-lo com a atenção presa, como se seguissemos um capitão empolgante de uma novela de viagens.

M. D.



O Escritor João Grave conta uma pagina da sua infancia

O illustre escritor João Grave passa as suas horas na Conventual Biblioteca Municipal do Porto do que é director. Uma das ultimas tardes da semana passada, entramos no gabinete do grande pensador e, logo depois do aperto de mão inevitavel, interrogamo-lo:

—Qual foi o momento mais emocionante da sua vida?

Entorna-se no rosto do escritor um ar de surpresa ao ouvir a fraso-cliché do nosso imperituro.

—Fôra, dêz meus livros, creia, meu amigo, que nada há na minha vida que possa interessar o publico...

—Tudo foi realizado, então, na sua existencia com facilidade?

Estou, agora, sentado junto da secretaria onde o busto de João Grave se afoga na gaze cinzenta do fim da tarde. Em voz dolente, responde me:

—Nunca fui ambicioso, contentei-me sempre com o que tinha, nunca senti aspirações, não ambicionei nunca grandezas nem jámais invejei a fortuna dos outros. O dinheiro, para mim, teve sempre uma importancia secundaria, embora julgue que, actualmente, só ele dará ao homem a independencia economica porque a felicidade humana não pôde florir na escravidão.

—No seu remansoso viver, longe ou perto, ontem ou hoje há, certamente, alguma data emocionante...

—Sim. E' uma data simples e bastante afastada. Era eu pequeno, muito pequeno, muito pequeno, quando um homem meu conhecido me deu uma libra. E' bem simples, não lhe parece? Esse retalho de

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

(Conclue na pág. 15)

Historia do Rei do Lixo

(Conclusão da pág. 11)

Santo Deus! Falei com nm desses fiscais --que me contou:

—Não falando dos ossos, dos trapos e dos papéis que são três riquezas imensas do lixo—o que mais se encontra no monturo são botões de punho. Baró é o dia que não retinimos dezenas de deles; recordo um domingo em que pescamos duzentos e picos; e no fim do ano são sempre alguns—muitos milhares. Parece impossível os botões de punho que se perdem em Lisboa! Depois veem as colheres de todos os feitios e metais—até do ouro! E joias? Há pouco tempo apareceu-nos aqui, afilíssima uma senhora, moradora na Rua das Flores, enfermeira de profissão, que tinha guardado dois brinços com brilhantes, no valor de doze contos, numa caixa de empolas. Mais tarde, julgando que a caixa estava vazia—deitou-a ao lixo... com os brinços dentro e em tanta sorte, que neste Atlantico de porcaria, composto de bilhões de detritos e de objectos de todo o genero—consegui encontrar a caixa das empolas. Doutra vez foi um revolver—um revolver carregado e novo. Ainda há dias esteve aqui um sujeito muito bem posto que por qual-

quer preço queria rêmexer no lixo? para encontrar uma carta... Rimo-nos da sua ingenuidade—e dríxamo-lo trabalhar à vontade. Esteve aqui até ao pôr do sol! Usava monoclo e era todo janota. Sujou-se dos pés à cabeça! Mas à medida que o tempo avançava, mais nervoso, mais inquieto, mais afilido estava... Agatanhava o lixo com furia... Por fim, desistiu... Nunca vi uma palidez assim... Sabe-se lá o valor que teria aquela carta!

O «Rei do Lixo» tem tambem, por vezes, gostos que não devem agradar ao seu socio infernal. As quintas-feiras deixa entrar na «mina» algumas creanças pobres para vasculharem o lixo... Com que esperança e fé ellas invadem o recinto... É quasi certo, nesses dias, haver achados preciosos... O lixo tambem tem coração generoso.

EPILOGO

O Lixo! Quintos romances não se occultam e não morrem n... montureira da Quinta do Inferno? O Lixo; o «Rei do Lixo»; o «Homem que vive sob a protecção do Diabo»; o palaciano que pratica rituais diabolicos; que alimenta com peixe pôdre os porcos que hão-de envenenar toda a cidade! Que lixo! Que lixo!

E agora, para terminar, leitor, lembrai-vos da campanha que matava o manda-

'Qual o momento mais emocionante da sua vida?'

(Conclusão da pág. anterior)

sol, de oiro, galvanizou-me de alegria. Dancei, cantei, exultei! Cheguei mesmo a pensar em comprar o mundo com ella. Dististi, porem, por entender que o mundo a não valia!...

No momento em que nos levantamos, João Grave diz sentenciosamente:

—A! de mim! Só mais tard—muito mais tarde!—havia de saber que o diuheiro não é a felicidade!...

Este nosso inquerito, que recebe todas as opiniões, destaca a resposta do consagrado autor de «A Morte Vence» como um bello retrato moral. Apesar do apelido que usa, João Grave podia muito bem chamar-se João Bondade.

G. A.

rim e neste caso dos detritos da cidade, foi o antigo toque da campanha das carroças do lixo, que acordou a mais curiosa ideia a um homem que não era nada, e que hoje se orgulha de ser o «Rei do Lixo.»

Eduardo Frias.

O Bastidor dos Bastidores

(Conclusão da pág. 13)

ambulantes e ultimamente, approvou um repouso forçado para afastar bombas e pagagalos. O pagagalou morreu de fome... As bombas deram-lhe alguns mezes de sorte... Depois, de novo em «chomage» recomeçou a choramingar a sua pouco sorte pelos céus... Um dia, um amigo arrastou-lhe um bom contracto por tres noites nos arredores do Porto. «So posso ir!»—«E tu és louco? Vais ganhar para um mês!»—«Pois sim—mas não posso!»—«Não tenho bombas!»—«Que dia fizeste as bombas?»—«Que pergunta! Comias!»

O mesmo José de G... conta o seguinte episodio no ultimo «tournee» do seu clio. De pois de uma serie de fracassos, chegou a casa de Vaz em sem um vintem na caixa, com os attitas a reclamarem; cheios de fome. Montou como pôde o antifeatro na prala—mas não houve modo de atrair espectadores. Elle bem fazia tocar a fanfara e desfilár o elenco... Nem um spectatador... Passava nella hora da marcada no cartaz quando appareo um «gulbet» um garoto, filho de peçador, a esmolar uma entrada nella pelo amor de Deus... O rapaz trazia embrulho no jornal uma dúzia de sardinhas grandes e reverberantes... José de G, olhou-as com o bôca cheia de água e lembrou-se de propor: «S. queres entrar pagas com as sardinhas!» O rapaz não heitou; entregou-lhe o

peixe; mas quando la a entrar—em prezario convite... «Espere... Val dizer á rapaziada que se quer vêr o espectáculo tem trazer cêda um, uma dúzia de sardinhas.» Enquanto o pequeno corria a atrair as camaradas—ele foi aos adereços e trouxe para o «gulbet» um barril. Pouco depois o barril estava apinhado e ante a vi-ô da daquella lera perda cêda os p'hiacos, acrobatas e «jongleurs» fizeram maravilhas nas a sua assistêcia qua ô dica de petizada da prala. Quê ô dica porque o público puca público e ao verem aquella bicha dos «pagantes» quiseram tambem entrar. «Etes deram para o zêite...» acrescentava José de G...

...
«Fide, paglacio!...»
ZJ

Reportagem ás Avenidas

(Conclusão da pág. 12)

um quarto e que reconhecendo-me a distancia, o fechava para me evitar. Sorri-me e murmurei: «Chego já aos «reids» nocturnos. Não perdo tempo, o cavalleiro...» Não calcula a minha surpresa, ao chegar ao hall e ao ver entrar, pelo braço do amante, a compradora do auto. Vinha com uma capa de taastry, e, francamente, a sua beleza sem a molhura do casaco de peles perdia brilho e imponencia. Passaram-se mezes—e uma manhã o corceto trouxe-me uma carta assinada por Candido e M.ª Zaca participando-me

que o seu casamento se realizou na semana anterior, na maior intimidade e com que convidavam para jantar na proxima segunda-feira. Foi, ao primeiro pretexto a sua esposa perguntando-me, cheia de vaidade, se eu queria ver o que tinha sido o present'e nupcial de Candido. Elle teve uma contracto facial; mas ella, sem a ver, correu ao quarto e voltou envergando um casaco de peles tão genuino do da amante de joalheiro que até os detalhes dos fechos eram iguaes... Custou-lhe vinte mil francos!—info-mou-me ella, com orgulho... Depois do jantar, e quando M.ª Zaca preparava o café Candido teve um extranho desabafo comigo: Que a avista como nunca tinha amado; que durante todo o tempo em que se conheciam já lhe notava uma frequencia: a ambição de possuir um casaco de peles de vinte mil francos. M.ª Zaca chegara a confessar-lhe já o rompimento com todos os seus admiradores viciaes... —de um negrom esse capricho. E embora elle não tivesse mil provas de que ella o amava com equal amor—mezes antes sentira um afastamento que hoje attribuira a demora de cumprir aquella promessa feita ainda na lua do mel. A presença do amante, do joalheiro, no estado agravava a situação. Exigir-lhe um casaco equal... «Felizmente que fiz um bom negocio concluia permitindo-me mandallo comprar por amio que vi e em Paris. Do contraric seria hoje um desgraçado. Assim posso estar tranquillo sobre a futura e pedir a casa de 6 o futuro da minha ventura.» Sai da casa de Mad me Zaca apprehensivo. E como não seu curio e c. moé raro ler jornaes na manhã seguinte subi ao Bairro. Aho foi a redacção dum grande jornal rotativo e pedi a casa do taastry, e, francamente, a sua beleza sem a molhura do casaco de peles perdia brilho e imponencia. Passaram-se mezes—e uma manhã o corceto trouxe-me uma carta assinada por Candido e M.ª Zaca participando-me

que na noite de 12 para 13 de janeiro algum se introduziu no seu quarto do Avenida Palace furtando-lhe um casaco de peles no valor de quarenta mil francos Belgas.
«Bombar, meu caro, só é perigoso quando se tem cadastro na policia...» Quando se tem a sua lora limpo, quando toda a gente nos conhece, sabe quem somos, sabe que possuímos um negocio importante e quando os portulcos, os creados e os grandes dum hotel estão acostumados a vermos do braço dado com pessoas illustres—pode-se coquetar um roubo discreto—um roubo só—porque se iesconfi. de toda a gente menos de nós. Era lá possível! E sabe o que dizir no dia seguinte o mesmo jornal a propósito do mesmo furto? «A policia tem a certeza que o ladrão do casaco de peles o obra do conhecido larapio «Bequinhos, Só o «Boquinhos», é que actualmente «trabalha, neste genero. Os agentes A e B estão-na pista... Em suma o casaco não fez grande falta á gastadora cocotte; para este casal foi o segredo dasua ventura eterna. Bonita mortaldade, não acha.

(CONTINUA)

Reporter

Lêr no próximo numero:

IV «Reportagem ás Avenidas.»

«O ascensor das surpre-

zas».

PRECISA DE
Tubagens de ferro
ou aço?
consulte **NEFF**
o AZ dos tubos no
seu armazem à
Rua Ferreira
Borges
18
In. 47
PORTO



Jaime d'Almeida Campos & C.
23, Largo de São Domingos, 24
PORTO
Tubagens de ferro
galvanizado e de
chumbo. Louças sa-
nitárias nacionais
e estrangeiras
CONSULTEM OS Nossos PREÇOS
TELEFONE 2480

CONQUISTOU
O SEU LOGAR PELA
QUALIDADE

DESENHOS COMERCIAIS
E ARTISTICOS

Carta à Delegação do «Reporter X»
no Porto, Canceleda Velha, 3v



Armazem de Vinhos do Porto
para consumo e exportação

Fabrica
de
Licores
Aperitivos
e
Xaropes

Carvalho Monteiro & C. L.

181, Rua José Mariano, 185
Vila Nova de Gaia
PORTUGAL

Telegramas: Carmonte—GAIA
Representante no Porto -- Jaime Antero de Almeida